

Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados
Centro de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca
<http://bd.camara.gov.br>

"Dissemina os documentos digitais de interesse da atividade legislativa e da sociedade."



Universidade Católica de Brasília – UCB
Centro Católica Virtual / Educação a Distância – CV/EAD
Curso de Especialização em Educação a Distância

A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NAS AÇÕES DO EDUCADOR:

Um estudo sobre a presença da afetividade em momentos presenciais e a distância num curso, bimodal, de formação de instrutores/tutores.

por

Márcio Martins

Brasília-DF – 2005

A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NAS AÇÕES DO EDUCADOR:

Um estudo sobre a presença da afetividade em momentos presenciais e a distância num curso, bimodal, de formação de instrutores/tutores.

Trabalho de conclusão submetido à avaliação, como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Educação a Distância, sob orientação da Professora Lucia Sallorenzo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço:

- Ao meu Senhor e Salvador Jesus Cristo que tanto tem feito por mim mesmo sendo eu imerecedor de tanta graça e tantas bênçãos;
 - À minha esposa - Waldenice - pelo amor, pelo carinho, apoio e dedicação, qualidades que a fazem uma mulher extraordinária. Também pelo que me tem ensinado;
 - Aos meus filhos - Tadeu e Natan - pois são para mim fonte de motivação e alegria;
 - Aos meus pais - Natal e Elza - e minha irmã - Kátia - pelo apoio, suporte e compreensão com os quais sempre posso contar nas horas doces e amargas;
 - Ao professor Lúcio José Carlos Batista que tem contribuído sobremaneira para meu crescimento profissional e especialmente por ter colaborado como tutor do curso em epígrafe;
 - À Professora Lucia Sallorenzo por ter aceitado ser minha orientadora, pela serenidade e competência que demonstrou durante todos os momentos deste curso e pelas preciosas instruções que me foram passadas;
- e
- À equipe da Católica Virtual que, em todas as funções, até mesmo as que não vemos, estão nos prestando o suporte necessário às atividades deste curso, especialmente os tutores com os quais tive oportunidade de compartilhar conhecimentos e experiências.

“A pesquisa científica exige sempre a mentalidade do pioneiro que vai à descoberta de campos novos, carregando consigo as poucas certezas adquiridas relativas ao próprio setor e as tantas dúvidas sobre os caminhos a trilhar.”

Angelo Peluso (Escritor e Médico do Hospital Fatebenefratelli, Roma).

Este trabalho foi apreciado pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes membros:

- Professora Lucia Henriques Sallorenzo (Orientadora);
- Professora Lêda Gonçalves de Freitas

SUMÁRIO

1. RESUMO/ABSCTRACT	07
2. INTRODUÇÃO	10
3. PROBLEMA	11
4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
4.1 - A Bipolarização: Razão e Emoção	12
4.2 - A Comunicação Afetiva e a Linguagem Afetiva	19
4.3 - A Taxonomia do Domínio Afetivo	26
4.4 - A Importância dos Sentimentos e das Emoções	28
4.5 - Emoticons e Smiles	33
4.6 - A Postura do Educador Afetivo	35
5. METODOLOGIA	45
5.1 - A Educação a Distância na Câmara dos Deputados	49
5.2 - Resultado da Pesquisa	51
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
7. REFERÊNCIAS	63
APÊNDICE - Formulário de Coleta de Dados	67
ANEXO I - Projeto Pedagógico do Curso de OTP	71
ANEXO II - Mensagens do Fórum	75
ANEXO III - Tabela 02 - Taxonomia do Domínio Afetivo	85
ANEXO IV - Tabela 03 - Emoticons	86

1. RESUMO / ABSTRACT

Resumo

Trata-se de pesquisa que tem o objetivo de verificar a afetividade presente entre tutor/alunos e alunos/alunos na educação em um curso híbrido (presencial e a distância) e, ainda, a adequação desse modelo na aprendizagem. Para tanto, a investigação se dá tendo como pano de fundo um curso de Formação de Instrutores e Tutores promovido pelo Núcleo de Educação a Distância do Centro de Formação, Treinamento e Aperfeiçoamento - CEFOR - na Câmara dos Deputados, denominado OTP - Organização do Trabalho Pedagógico - realizado de setembro a outubro de 2004, no caso da primeira turma e, de outubro a novembro de 2004, no caso da segunda turma. Foram duas turmas que se encontravam apenas no ambiente virtual e nele compartilhavam suas idéias em apenas um fórum. Ambas foram conduzidas pelo mesmo professor/tutor e mesma equipe de suporte técnico. Após o curso, foi realizada uma coleta de dados por meio de formulário, bem como levantamento de indícios no fórum quanto à interação e troca das mensagens para verificação da adequação do modelo pedagógico escolhido e para a constatação de evidências afetivas, e mesmo sociais, no convívio do grupo durante os 2 (dois) meses de curso, considerando as duas turmas como um único grupo. Como resultado do estudo verificou-se a apropriação do modelo bimodal (semipresencial) e a satisfação com a condução do curso, ficando patente que as interações/relações foram envolventes, afetivas e com proximidade por parte dos alunos e do professor/tutor.

Palavras-chave

Afetividade, Sentimento, Emoção, Razão, Bimodal, Linguagem.

Abstract

One is about research that has the objective to verify the present affectivity between tutor/pupils and pupils/pupils in the education in a hybrid course (actual and in the distance) and, still, the adequacy of this model in the learning. For in such a way, the inquiry if gives having as deep cloth of a course of Formation of Instructors and Tutors promoted by the Nucleus of Education in the distance of the Center of Formation, Training and Perfectioning - CEFOR - in the House of representatives, called OTP - Organization of the Pedagogical Work - carried through of September the October of 2004, in the case of the first group and, of October the November of 2004, in the case of the second group. They had been two groups who if found only in the virtual environment and in it they shared its ideas in only one forum. Both had been lead by the same teacher/tutor and same team of support technician. After the course, was carried through a collection of data by means of form, as well as survey of indications in forum how much to the interaction and changes of the messages for verification of the adequacy of the chosen pedagogical model and for the ascertainment of evidences affective, and exactly social, in the conviviality of the group during the 2 (two) months of course, considering the two groups as an only group. As result of the study verified it appropriation of the bimodal model (semiactual) and the satisfaction with the conduction of the course, being clear that the interactions/relations had been involving, affective and with proximity on the part of the pupils and the teacher/tutor.

KeyWords

Affectivity, Feeling, Emotion, Reason, Bimodal, Language.

“O diálogo pertence à natureza do ser humano, enquanto ser de comunicação. O diálogo sela o ato de aprender, que nunca é individual, embora tenha uma dimensão individual”. Freire, 1985.

Do livro Medo e Ousadia: O Cotidiano do Professor.

Paulo Freire, 1985.

2. INTRODUÇÃO

O objeto de estudo deste trabalho mostra como num curso semipresencial a linguagem e a conduta do educador pode influenciar o relacionamento social, integração e afetividade entre os autores desse processo educativo.

Normalmente em cursos híbridos, usa-se a parte presencial para promover integração entre os alunos e professores, argumentando-se que há falta de momentos próximos, com “o calor humano”, “olho-a-olho”, afirma-se até que conhecer de fato alguém e estabelecer um diálogo afetivo só tem validade no presencial.

No entanto, notou-se no curso em pauta o contrário, ou seja, usou-se os espaços virtuais para uma aproximação que não foi possível no presencial, complementando e criando laços afetivos entre o grupo. De maneira que os alunos ansiavam por tais momentos de troca nas ferramentas a distância.

Uma vez que o grupo tinha também momentos de encontros presenciais com diálogos e interação, era esperado que tais relações se consolidassem na sala de aula ou nos intervalos, mas registrou-se que virtualmente sedimentou-se um convívio de confiança e afetividade, possibilitando nesse ambiente um local extremamente propício à aprendizagem. Isso constatado após a aplicação do Formulário de Coleta de Dados e das observações acuradas das mensagens do fórum.

3. PROBLEMA

Partindo da premissa que na educação os relacionamentos sociais devem estar presentes e que por intermédio deles há o desenvolvimento psicoafetivo dos partícipes, qual os indicadores de um estado afetivo e de uma participação com fenômenos de sensibilidade e repercussões prazerosas no curso de OTP - Organização do Trabalho Pedagógico?

Uma vez que esse foi um curso para formar educadores que estarão diante de turmas que envolvem servidores do quadro efetivo da Câmara dos Deputados, servidores de Gabinetes Parlamentares em níveis federal, estadual e municipal e, enfim, de toda a sociedade, como a afetividade foi expressa? Como num contexto digital alunos e professor expressaram seus sentimentos e emoções? E qual a influência disso na aprendizagem?

4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

4.1 - A Bipolarização: Razão e Emoção

Quando você aprender a estar neste lugar, em que o intelecto e os sentimentos se encontram, você desfrutará da constante ação recíproca que eles se exercerão. Torna-se mais fácil dizer o que é real.

Viscott, 1982.

Afetividade é “a qualidade ou caráter de afetivo. É o conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagradado, de alegria ou tristeza”. E segundo a compreensão denotativa, o termo 'Afetivo' - do latim *affectivu* - é aquele que tem ou em que há afeto, dedicação, afeição, carinho, simpatia, etc. (FERREIRA, 1986, p.44).

Afetividade é o atributo psíquico que dá o valor e representa a realidade. Essa afetividade também é capaz de representar um ambiente cheio de gente como se fosse ameaçador, é capaz de nos fazer imaginar que pode existir uma cobra dentro do quarto ou ainda, é capaz de produzir pânico ao nos fazer imaginar que podemos morrer de repente.

A afetividade valoriza tudo em nossa vida, tudo aquilo que está fora de nós, como os fatos e acontecimentos, bem como aquilo que está dentro de nós (causas subjetivas), como nossos medos, nossos conflitos, nossos anseios, etc. Ela valoriza também os fatos e acontecimentos de nosso passado e nossas perspectivas futuras.

O melhor exemplo que podemos referir para entender a afetividade é compará-la a óculos através dos quais vemos o mundo. São esses hipotéticos óculos que nos fazem

enxergar nossa realidade desse ou daquele jeito. Se esses óculos não estiverem certos podemos enxergar as coisas maiores ou menores do que são, mais coloridas ou mais cinzentas, mais distorcidas ou fora de foco. Tratar de afetividade significa regular os óculos através dos quais vemos nosso mundo.

Por que uma pessoa portadora de Síndrome do Pânico pensa que pode morrer ou passar mal de repente? Porque ela acha que sofre do coração ou está prestes a ter algum derrame ou que está tão descontrolada ao ponto de perder o controle. Ora, nada disso faz parte da realidade objetiva e concreta. Trata-se de um juízo pessimista, uma avaliação negativa que a pessoa faz de si mesma, ou seja, trata-se de uma afetividade que representa negativamente para a própria pessoa o seu próprio eu. Se a pessoa está se vendo pior do que é de fato, então afetivamente não está bem. (BALLONE, 2002). Todos esses aspectos influenciam nas relações e interações sociais.

Para Martin (2000), apud SANTI (2004, p. 47), o afeto é “um recurso semântico que traduz as emoções”. Isso porque através do peso das palavras as emoções podem aflorar quando se está num ambiente onde a afetividade é estimulada. Daí a possibilidade de pessoas chorarem ao lerem um poema ou algum relato.

Em palestra proferida pelo diretor de televisão Max Alvim em 13/9/2004 na Câmara dos Deputados intitulada: “Não esqueçamos o essencial: o pátio de recreio”, ele fala, por metáfora, que para aprender é necessário um lugar leve, com brincadeiras e afetividade. O pátio é um lugar onde paira uma relação fascinante no meio educativo, desde a tenra infância, sendo o lugar mais prazeroso dos educandos em todas as fases. Trata-se de um local de intensas relações afetivas e, por isso mesmo, de qualidade no aprendizado.

Começando pelo significado etimológico de pátio, segundo o dicionário Houaiss, “lugar onde se tinha aulas em que se ensinavam humanidades”, o palestrante discorre sobre um local onde o educando desenvolve valores e características como a iniciativa, a imaginação, o raciocínio, a memória, a atenção, a curiosidade, o interesse, mas principalmente cultiva o senso de cooperação e integração social. É onde crescem as amizades e despontam relações sedimentadas pela emoção e afeto e, por conseguinte, duradouras.

Não é sem razão que o governo do Estado de São Paulo, em parceria com a Escola do Futuro da USP, escolheu o mesmo nome para um projeto de educação fundamental denominado Pátio Paulista, <www.patiopaulista.sp.gov.br>, onde destacamos projetos como “Tô Ligado”, “TV Escola”, “Aprender Juntos”, dentre outros nos quais as características citadas são facilmente identificadas.

§§§

“A manifestação natural e espontânea das formas subjetivas de nosso pensamento é a afetividade: está indissolúvelmente ligada a nossas sensações vitais, a nossos desejos, a nossas vontades, a nossos juízos de valor. Afetividade – o que vem a ser o mesmo – é o sinal exterior do interesse pessoal que sentimos pela realidade”. (BALLY, apud GALVÃO, 1979).

Na antiguidade os filósofos e psicólogos entendiam que a inteligência e as emoções (expressões afetuosas e sentimentais) estavam dissociadas. O psicólogo Mário Sérgio Vasconcelos (2003), apud ARANTES (2001, p.1), afirma que “não é recente a discussão sobre o papel da afetividade na constituição da subjetividade humana. A relação entre razão e emoção foi motivo de aquecidos debates envolvendo filósofos”.

Essa dicotomia foi abordada inclusive nas peças teatrais de Eurípedes. E Aristóteles reiterava repetidamente que os sentimentos residiam no coração e o cérebro tinha a missão de esfriar o coração. Via-se nessa dualidade o cérebro, e com ele as idéias, como um órgão mais nobre e o coração (que para os gregos era a *alma*) como algo inferior.

Segundo Arantes (2001), o filósofo Kant chegou a destacar a supremacia da razão, mostrando uma perspectiva negativa dos sentimentos e emoções, afirmando que as paixões são uma “enfermidade da alma”.

Theodor Fechner (apud ARANTES, 2001), um dos precursores da psicologia, declarou que tinha interesse nas relações funcionais entre razão e emoção, porém defendia que para fazer ciência era necessário medir separadamente os dois aspectos.

Até o início do século XX tal concepção foi mantida culminando numa contenda entre os empiristas (racionalistas) e os inatistas (sentimentalistas) e até hoje há uma corrente da psicologia, embora representando uma minoria, que persiste na tese de que

cognição e afetividade são instâncias dissociadas. Mas de forma geral na psicologia moderna entende-se que não há fenômenos puramente afetivos, nem puramente representativos da inteligência.

No passado essa visão fechada, naturalmente, influenciou a área educacional, e como diz Vasconcelos (2003, p.1):

“é comum, ainda hoje, no âmbito escolar, o uso de uma concepção teórica que leva os educadores a dividirem as crianças em duas metades: a cognitiva e a afetiva. Esse dualismo é um dos maiores mitos presentes na maioria das propostas educacionais da atualidade. Seguindo essa crença, as instituições caminharam para a ênfase da razão, priorizando tudo o que se relacionava ao mérito intelectual.”

Mas de acordo com Piaget, “não existem estados afetivos sem elementos cognitivos, assim como não existem comportamentos puramente cognitivos”. (apud ARANTES, 2001, p.3).

Nessa perspectiva, o papel da afetividade para Piaget é funcional na inteligência. Ela é a fonte de energia de que a cognição se utiliza para seu funcionamento. Ele explica esse processo por meio de uma alegoria, afirmando que “a afetividade seria como a gasolina, que ativa o motor de um carro mas não modifica sua estrutura”. Ou seja, existe uma relação intrínseca entre a gasolina e o motor (ou entre a afetividade e a cognição) porque o funcionamento do motor, comparado com as estruturas mentais, não é possível sem o combustível, que é a afetividade. (apud ARANTES, 2001, p. 4).

Todos os objetos de conhecimento são simultaneamente cognitivos e afetivos e as pessoas ao mesmo tempo que são objeto de conhecimento são também de afeto (PIAGET, apud ARANTES, 2001).

Na teoria de Vygotsky, o autor soviético salienta que a linguagem forneceria "um modo de compreender o mundo, se compreender diante e a partir dele e de se relacionar com ele". (OLIVEIRA, apud ARANTES, 2001, p. 4). Em tal sentido, a autora afirma que "no próprio significado da palavra, tão central para Vygotsky, encontra-se uma concretização de

sua perspectiva integradora dos aspectos cognitivos e afetivos do funcionamento psicológico humano" (OLIVEIRA, apud ARANTES 2001, p.5).

Vygotsky (1996), (apud OLIVEIRA, 1992), explicita claramente sua abordagem unificadora entre as dimensões cognitiva e afetiva do funcionamento psicológico. Afirmado que:

"A forma de pensar, que junto com o sistema de conceito nos foi imposta pelo meio que nos rodeia, inclui também nossos sentimentos. Não sentimos simplesmente: o sentimento é percebido por nós sob a forma de ciúme, cólera, ultraje, ofensa. Se dizemos que desprezamos alguém, o fato de nomear os sentimentos faz com que estes variem, já que mantêm uma certa relação com nossos pensamentos." (VYGOTSKY, 1996 apud OLIVEIRA, 1992, p.4)

Assim como Vygotsky, Piaget e Wallon (apud OLIVEIRA, 1992; UCB, 2001) mostram-nos em seus escritos que compartilham da idéia que emoção e razão estão, intrinsecamente, conectadas, (1986).

Também na perspectiva genética de Henri Wallon, inteligência e afetividade estão integradas: a evolução da afetividade depende das construções realizadas no plano da inteligência, assim como a evolução da inteligência depende das construções afetivas.

No século XXI algumas posições favoráveis a isso foram levantadas, como por exemplo o livro "Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas", que é uma coleção de 11 textos organizada por Arantes em 2001.

Nesse compilado, em suma, autores como Leme, Oliveira, Rego, Souza, Galvão, dentre outros postulam a indissociabilidade entre os processos afetivos e cognitivos, propondo também uma ressignificação das práticas pedagógicas. À luz de pressupostos vygotskianos rompem paradigmas clássicos da filosofia, psicologia e educação.

No seu artigo denominado "Afetividade e Cognição: Rompendo a dicotomia na educação", Arantes (2001, p.8) conclui que:

"pensar e sentir são ações indissociáveis (...) não devemos mais admitir as

polarizações entre o campo da racionalidade e da afetividade (...) assim como a organização de nossos pensamentos influencia nossos sentimentos, o sentir também configura nossa forma de pensar”.

O neurologista Damásio, preocupado em articular as emoções com os processos cognitivos diz que:

“as emoções bem direcionadas e bem situadas parecem constituir um sistema de apoio sem o qual o edifício da razão não pode operar a contento”. Ele rompe com a idéia cartesiana de uma mente separada do corpo. Como ele mesmo apontou, talvez a famosa frase filosófica - *Penso, logo existo* - devesse ser substituída pela anticartesiana - *Existo e sinto, logo penso*. (“O erro de Descartes” - DAMÁSIO, 1996 apud ARANTES, 2001, p.5).

Entre todos esses enfoques que questionam a dicotomia historicamente posta entre razão e emoções e entre cognição e afetividade, podemos incluir a Teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento (MORENO; BOVET; SASTRE *et al.*, 1998, apud ARANTES p.4), segundo a qual “o sujeito elabora e organiza sínteses complexas de significados a partir de processos afetivos e cognitivos”.

Também em contraposição à independência do cérebro com o coração (sentimentos), o neurologista Antoine Bechara, da Universidade de Iowa (apud SANTI, 2004), destaca que a emoção tem um papel positivo quando junto da cognição, pois os processos de tomada de decisões dependem de fatores neurais que operam concomitantemente com as emoções e os sentimentos.

David Steven Viscott (1982), psicólogo, defende que o intelecto e sua ferramenta, a lógica, podem se extraviar. Eles precisam da colaboração ativa dos sentimentos e Vendryes (apud SANTI, 2004) acrescenta que com exceção das linguagens técnica e científica, toda expressão de idéias se acha impregnada de afetividade.

Numa época passada evitava-se estudar mais a fundo os sentimentos pela complexidade, subjetividade e instabilidade dos mesmos, mas, como se percebe, a sustentação da bipolarização entre afetividade e cognição parece ser cada vez mais difícil de ser mantida.

Pelo exposto, fica um questionamento deixado por Arantes (2003): Se no campo educacional os afetos continuam sendo tão problemáticos para o conhecimento, não seria uma ingenuidade ignorá-los?

“A expressão das vivências e visões do indivíduo só se realiza com fidelidade, quando sublinhadas, comentadas pelos impulsos afetivos. Como todos os fenômenos da vida estão caracterizados pela presença constante e, amiúde, pela preponderância, de elementos afetivos e volitivos de nossa natureza, a inteligência não tem ali mais que o papel de meio, se bem que muito importante.” (XVII, in *Sumário do 1º artigo*, pp. 37-38). Charles Bally apud Galvão, 1979.

4.2 - A COMUNICAÇÃO AFETIVA E A LINGUAGEM AFETIVA

É absurdo supor que alguém escreva ou fale para não ser entendido; só conheceremos de conteúdos se para eles houver ou se “acharem” formas comunicativas.

Galvão, 1979.

Entrando na esfera educacional, podemos dizer que uma relação afetiva, empática e respeitosa entre professor/tutor e aluno, passa obrigatoriamente pela **comunicação**. Nela estamos construindo significados a cada palavra trocada e é a comunicação que dá o colorido necessário para que haja um aprendizado leve, descontraído, alegre, que dê lugar aos sentimentos e afetos.

Em toda relação social, a partir de duas pessoas interagindo, o emocional estará presente. E já que ele nunca poderá ser alijado, o melhor que se tem a fazer é usá-lo em prol da educação e do crescimento humano.

“Como seres de relações e não somente de contatos, por meio de nossos pensamentos, sentimentos, imagens e comportamentos podemos interagir, ressignificar, reinterpretar e reconstruir essas mesmas relações, nas quais estamos implicados”. (FREIRE, 1969; RAMÓN e CRUZ, 2000, apud ARANTES, 2003, p.1).

Linguagem no mais amplo sentido da palavra é “tudo que entra no desesperado esforço do escritor para dizer e transmitir o que não pode integralmente dizer e fazer ver”. (GALVÃO, 1979, p.14).

Existe uma diferença entre 'comunicação escrita' e 'relacionamento presencial', pois considera-se que este diz respeito ao convívio cotidiano (ao vivo), enquanto aquela trata

de um contexto onde a marca sentimental, pela ausência física, não está necessariamente inserida. Mas num curso a distância a relação se dá através da própria comunicação escrita e nem por isso a emoção vai deixar de estar presente. E um tutor deve considerar, além da natureza subjetiva de qualquer comunicação/relação, as peculiaridades da metodologia atuando de maneira a aproximar-se dos alunos por meio da afetividade para, depois disso, colocar em relevo o conteúdo, visto que nossa maior sede é a da interação.

Segundo Moran (2000), nascemos predispostos para a comunicação nos diversos níveis em que ela pode acontecer. Temos necessidades de chorar, de gesticular, de cantar, posicionar o corpo, etc. Seriam incontáveis as formas encontradas pelo ser humano para que ele possa se fazer compreendido e para que ele possa estabelecer contatos, dar ou receber alguma informação.

Comunicar é uma necessidade imperiosa tão vital quanto a necessidade de se alimentar ou saciar a sede. Somos o que comunicamos... mas nisso a afetividade fala mais alto.

Os textos são espaços de relações complexas, geradoras de um labirinto de enunciações sobre ciência, conceitos, postulados, mas também uma rede da qual emergem saber, valores, afetividade, participações e ações sociais, trocas de experiências e transformações que podem durar a vida toda.

Alguns autores como Galvão e Bally (1979, p.17), abordam o que chamam de “a luta entre o escritor e a palavra”, ou ainda “a luta pela expressão e pela comunicação”, quando aquele que escreve faz um esforço para ser compreendido, visto que numa relação por escrito, onde se pretende ser respeitador da opinião do outro e exercer um papel próximo, sincero e afetivo, qualquer mal-entendido pode afetar nessa troca mútua.

Numa verdadeira comunicação afetiva existe reciprocidade e também o que Galvão (ibidem) chamou de 'doação', explicando que numa relação com interação há uma doação que se torna recíproca. Então, segundo o autor, “acontece um verdadeiro evento de transcendência, ultrapassam-se os limites da própria individualidade para entrar em uma nova dimensão, em uma nova unidade” (PELUSO, 1998, p.84).

Isto é, na comunicação com estados afetivos presentes considera-se mais o 'outro' e não apenas o 'eu'.

O autor ainda analisa o aspecto da estilística do escritor, e não meramente gramatical, para se compreender e alcançar a expressão ali registrada e, conseqüentemente, a afetividade ali inserida.

Segundo Galvão (1979), para que a comunicação se complete, isto é, seja obra-de-arte, é indispensável a coincidência conciliadora do '*modus operandi*' do escritor com o '*modus captandi*' do leitor.

Para se compreender a afetividade inserida num texto é necessário se entender o contexto e o estilo de expressão/comunicação e o estilo de compreensão/juízo da escrita que está em epígrafe.

É possível perceber a afetividade por meio de padrões lingüísticos, na maneira como as frases são formadas, e isso pode até ser algo inconsciente.

“A comunicação, muito mais que um simples troca-troca de palavras e gestos, afirma ou desafia as relações que existem entre as pessoas que comunicam”. (FREIRE e SHOR, 1993 apud FIORENTINI, 2004, p.2).

A comunicação é algo ativo, interativo e cheio de sentimentos nas suas entrelinhas. É necessário que os educadores, principalmente os que atuam com educação a distância, uma vez que usam a comunicação escrita para suas relações, considerem que por meio da afetividade abrirão portas para intercambiarem suas idéias, papéis e valores com seus pares, os alunos.

Lévy (apud FIORENTINI, 2004, p.2), destaca que se há “um receptor de informação, salvo morto, nunca é passivo”.

Quem escreve deve ter a preocupação que seu texto encontre a repercussão

desejada. A linguagem, por sua contingência social, só exprime e comunica os ângulos e facetas acessíveis ao conhecimento dos outros indivíduos.

Bally (apud GALVÃO, 1979, p.14), lembra que:

“não se pode mostrar (comunicar) o que se pensa e o que se sente em nossa intimidade, senão pelos meios de expressão que os outros possam compreender, pois ao falar, ou mesmo, ao escrever é difícil obedecer exclusivamente à inteligência e à razão, até porque uma e outra se manifestam numa ambivalência afetiva, volitiva ou subconsciente”.

Para Stubbs (apud SANTI, 2004), uma palavra adquire significado pelo uso e pelas colocações em que ocorre. Portanto, o conhecimento de uma língua não implica apenas o conhecimento das palavras dessa língua, mas nas suas combinações previsíveis juntamente com o conhecimento cultural em que elas ocorrem. O significado das palavras depende, além de como elas estão combinadas, de como são usadas nas situações sociais e das inferências do conhecimento de mundo de quem está envolvido no processo comunicativo.

Vemos que as palavras carregam em si uma conotação afetiva, por outro lado aquele que redige não pode desconsiderar que o peso das palavras e o próprio estilo influenciam sua expressão. Nada melhor que um viés espontâneo e sincero do autor para iniciar uma frase afetiva.

Outra face a se observar é o próprio contexto na comunicação, antes mesmo de ser afetiva, pois esta deve estar inserida na realidade e interesse do destinatário.

Segundo Eggins e Slade, 1997 (apud SANTI 2004, p.55), somos “indivíduos socializados e, como tais, passamos a maior parte do tempo falando e interagindo com outras pessoas. Para as autoras, o ato de interagir não consiste apenas em um processo mecânico de turnos, produção de sons e emissão de palavras, mas sim em uma atividade semântica, isto é, em um processo de construção de significados. Quando interagimos, negociamos significados a cerca do que pensamos sobre o que está acontecendo no mundo, como nos sentimos em relação a isso e, também, como nos sentimos em relação às pessoas com quem estamos interagindo. O processo de interação é funcionalmente motivado: interagimos com outras

peças para cumprirmos determinadas tarefas e alcançarmos objetivos; e essas tarefas e objetivos são de ordem pragmática”.

Quando se fala em comunicação dentro de um contexto de afetividade e, ainda, analisado num curso é fundamental ter em mente que comunicar é compartilhar. Mas o que temos a compartilhar nem sempre é pleno, pois somos limitados. Contudo, nossas limitações nos fazem nos aproximar para que haja uma ampliação e, talvez até, completude nesse ato comunicativo.

Bessa (2001), citando também o professor Moran (2000), acrescenta um conceito de carência na comunicação quando afirma que nascemos já necessitando nos comunicar (falar e ouvir) e nos completar uns aos outros. E diz:

“Quando me comunico ao outro, minha comunicação não é plena, pois sou limitado. Sou limitado na minha compreensão do mundo do outro e dos fatos. Ainda assim, há dentro de mim uma necessidade imperiosa de me comunicar e de comunicação com o outro. Pela comunicação buscamos integrar o nosso eu dividido, preencher nossas carências, fazer trocas mais significativas, aprender mais profundamente, sermos mais livres, mostrar novos olhares (...) sem a comunicação o homem se despersonaliza, se animaliza. Comunicamo-nos para sentir o prazer de estarmos juntos e para mostrar aos outros que temos valor e para sentir-nos valorizados, acolhidos e produtivos”.

E no desenvolvimento desse raciocínio, Moran adiciona:

“a escola inibe a comunicação do aluno ou obstrui de alguma maneira esta sua faculdade, ela não contribui para seu pleno crescimento como pessoa. Quando o monopólio da fala é do professor, a fala do aluno é sufocada e descaracterizada. Nesse caso, é bom que perguntemos: para que tipo de sociedade a escola está a serviço? Para que formar mudos para o amanhã? A comunicação de massa já não basta, para emudecer as pessoas?”

Às vezes, a escola não facilita a fala do aluno para não ter que ouvir um apelo no sentido de mudança”.

Finalmente, em relação à comunicação, alguns autores apresentam classificações sobre a linguagem e expressão.

Bally explica que do ponto de vista psicológico há três tipos de uso da linguagem:

- Intelectual: relativa ao conhecimento, cognição e inteligência;
- Volitiva: relativa à vontade espontânea, voluntariedade;
- Afetiva: relativa à emoção e sensibilidade.

Todas as vezes que nos expressamos essas três se combinam em graus diferentes. Às vezes não é tão fácil determinar qual das três predomina, mas elas estão sempre presentes. Não há pensamento só intelectual.

Já Ombredane (apud SANTI, 2004), aprofunda-se mais quando afirma que a linguagem tem a seguinte ordem hierárquica em suas funções e utilidade:

- 1º) Uso Afetivo;
- 2º) Uso Lúdico;
- 3º) Uso Prático;
- 4º) Uso Representativo;
- 5º) Uso Dialético.

Segundo o autor, tais “usos” estão presentes de forma mesclada nos adultos, mas o afetivo é a linguagem mais importante e mais bem utilizada. E é a mais bem consolidada dos usos da linguagem.

Voltando ao pensamento contrário à ambivalência e separação entre razão e emoção, da mesma forma a linguagem não conterà apenas conteúdos cognitivos. Se a linguagem é, em última essência, expressão da vida e se esta, como se sabe, se caracteriza pela constante presença e até prevalência de elementos afetivos e volitivos, torna-se patente que estas características, quando se refletem na linguagem, sempre a impedem de ser uma construção exclusivamente intelectual.

“todo ato educativo tem componentes comunicativos, mas nem todo ato comunicativo tem propósitos educativos”.

Bernardo Toro, intelectual colombiano (apud SALTINE, 2001, p.2).

4.3 - A TAXONOMIA DO DOMÍNIO AFETIVO

Uma taxonomia é uma série de classificações que são ordenadas e dispostas com base em um fundamento único ou com base num conjunto consistente de princípios.

Ela pode ser atestada se estiver em concordância com evidências experimentais e se a maneira pela qual tais classificações ordenadas corresponderem a uma ordem real entre os fenômenos pertinentes que estão sendo apreciados. (BLOON; KRATHWOHL; MASIA, apud SANTI, 2004).

Interessados em temas educacionais, Bloon, Krathwohl e Masia (apud SANTI, 2004), auxiliados por professores com experiência em currículos, formularam primeiramente a chamada “Taxonomia de Objetivos Educacionais” como resultado de processos de instrução e ensino. Chegando à seguinte divisão de domínios: cognitivo, afetivo e psicomotor.

O Cognitivo refere-se à recordação ou reprodução do que se havia aprendido. Segundo os autores, os objetivos ligados à educação estão concentrados em maior proporção neste domínio.

O Afetivo refere-se aos sentimentos e emoções (interesses, atitudes, apreciações e valores).

O Psicomotor refere-se às habilidades musculares ou de caráter motor como a manipulação de materiais/objetos ou ações que exigem coordenação neuromuscular.

O valor desse estudo, segundo os autores, está na possibilidade de se organizarem e controlarem os fenômenos em questão, mesmo que cada um deles não esteja completamente destituído dos demais.

Todavia, na elaboração desse trabalho os autores constataram que havia pouco

material de estudo sobre o aspecto afetivo e decidiram - de maneira geral - sistematizar o desenvolvimento afetivo, com indícios de formação de caráter, atitudes desejáveis e interesses de alunos. Esse trabalho serviu de motivação para uma classificação mais apurada do domínio afetivo, criando-se, destarte, a “Taxonomia do Domínio Afetivo”.

Tal classificação consiste na internalização de fatos. “O processo começa quando a atenção do aluno é captada por algum fenômeno, característica ou valor e se estende, progressivamente, até o momento em que os valores são inter-relacionados numa estrutura ou visão do mundo, que se leva como uma 'direção' para novos problemas”. Bloon, Krathwohl e Masia apud Santi, 2004, p.14.

Ou seja, cada pessoa adquire uma bagagem de acordo com as experiências vividas e vai internalizando-as. Algumas dessas experiências tornam-se valores (referências) que influenciarão seus comportamentos e condutas futuras. Trata-se de uma tentativa de elencar padrões de comportamento desejáveis, mas que, pela subjetividade humana, nem sempre acontecem como previstos.

As categorias da “Taxonomia do Domínio Afetivo” são Acolhimento, Resposta, Valorização, Organização e Complexo de Valores. Cada uma dessas categorias se divide em subcategorias como pode ser visto no Anexo III, tabela 02.

A “Taxonomia do Domínio Afetivo” está baseada no comportamento de alunos em interações com professores onde a afetividade está presente.

Ver também: <<http://www.webquest.futuro.usp.br/recursos/bloom.html>>, acesso em 12/01/05).

4.4 - A IMPORTÂNCIA DOS SENTIMENTOS E DAS EMOÇÕES

“Se os impulsos afetivos e subscientes não se exteriorizam a toda hora é porque sobre eles a inteligência educada exerce pressão, impedindo-os de vir à tona”.

Galvão, 1979.

Qualquer processo interativo é carregado de afetividade e, seguramente, vai exercer forte influência na aprendizagem e, porque não dizer, na vida.

Para Platão (apud PELUSO, 1998, p.71), “no coração da vida afetiva está o belo”. É o belo que fascina e arranca-nos do cotidiano e do marasmo da vida. E Aristóteles (apud ARANTES, 2001, p.3), defende “a busca virtuosa da felicidade e do bem, ligados a uma educação moral preocupada com aspectos intrapessoais da personalidade humana”, apesar de relevar, até certo ponto, o intelecto.

Todavia, apesar da mídia, de alguns autores e dos modismos acenarem para outro lado, no fundo, as pessoas sabem que a real beleza das pessoas está no interior. É no caráter, na personalidade, expressos pelos sentimentos e atitudes, que estão os verdadeiros valores do ser humano. No coração ficam depositadas grandezas as quais podem e devem ser compartilhadas em relações com sinais de afetividade.

A Educação a Distância, nesse sentido, quando prima por uma comunicação baseada na colaboratividade tem a oportunidade de ressaltar justamente aquilo que não está aparente: as idéias, os valores, as opiniões, os argumentos, o raciocínio, os juízos e os conceitos e cada um com seu próprio prisma.

“A felicidade é um bem que se multiplica ao ser dividido”.

Maxwell Maltz, médico e escritor norte-americano.

De acordo com Martin (2000), acredita-se que a Felicidade é uma variável do afeto, pois segundo o autor refere-se a “estados do coração”. Ele também chama tais ocorrências de “afeto como qualidade”.

Nesse ponto, vale registrar uma reportagem publicada na Revista Terra em fevereiro de 2004 - por Vinícius Romanini e Marjorie Umeda - abordando pesquisa realizada em 65 países pelo World Value Survey – um instituto sediado na Universidade de Michigan, Estados Unidos, que há 20 anos investe em pesquisas sobre mudanças socioculturais no mundo. Nesse estudo os pesquisadores admitiram que quanto mais estudaram sobre a 'felicidade', mais viram sua complexidade, pois trata-se de um sentimento que envolve genes, cultura e personalidade individual. (p. 40).

Alguns psicólogos daquela instituição teorizaram “a 'felicidade' como o grau de avaliação positiva que uma pessoa faz de sua vida”. Ruut Veenhoven, professor de Condições Sociais para a Felicidade, afirma também que a felicidade geral de uma pessoa deve ser avaliada em três níveis:

- 1º) Macro: relacionado às condições da sociedade onde se vive e às características da mesma observando riqueza, justiça e liberdade;
- 2º) Médio: relacionado ao grau de autonomia e respeito que se desfruta diante das instituições, empresa e locais onde se convive diretamente;
- 3º) Micronível: relacionado a capacidades pessoais, como habilidades técnicas, intelectuais, independência emocional e independência financeira.

Mas o que surpreende na pesquisa é que, dos 65 países envolvidos, os sete primeiros colocados são países de Terceiro Mundo.

De acordo com as resultantes da pesquisa, as populações “mais felizes” estão na Nigéria, México, Venezuela, El Salvador, Porto Rico, Vietnã e Colômbia. O Brasil ficou em 15º lugar. Isso rompe com o conceito de que felicidade está ligada a bens materiais e questões aparentes.

Outra constatação importante é que “Não é a força, mas a constância dos bons sentimentos que conduz os homens à felicidade”. Friedrich Nietzsche, filósofo alemão apud Romanini, 2004.

Não há dúvidas de que os sentimentos são a dimensão mais densa da humanidade. E os sentimentos estão relacionados, sempre, a uma partilha. Relacionar quer dizer “ligar-se a”.

“As pessoas devem falar sobre os sentimentos. Já é suficientemente mau ter uma conversa com alguém que não pode ou não quer dar a perceber o que pensa (...) Se dois estão se esquivando de uma manifestação clara, o intercâmbio se torna artificial e bombástico. Seria o mesmo que dialogar com um cartão de computador”. (VISCOTT, 1982, p.129).

O teólogo Giordano (apud GALVÃO, 1979), ressalta a importância de um convívio com os outros, procurando aproximação, união e afeto, lembrando também que tal relacionamento nos faz vencer obstáculos.

O autor afirma ainda que: “O vir ao encontro do outro é a única via que pode nos permitir superar o penhasco e assim finalmente, atingir o cume, quer dizer, o bem que mantém as promessas inscritas na vida” (GIORDANO apud PELUSO, 1998, p.82).

Viscott (1982, p.123), chega a afirmar que “se alguém não considera seus sentimentos, provavelmente você pode viver sem tal pessoa” (...) e ainda “em qualquer lugar ou ocasião os sentimentos são os senhores da situação (...) Os sentimentos contam a verdade.

Eles são nosso sexto sentido”.

Não há mística nos sentimentos. Só quando se permite que eles aflorem e atuem e quando se é capaz de prestar significativa atenção a eles, é que estamos em condições de nos voltarmos para nossas vidas com eficiência e prazer renovados e desfrutarmos de relações interpessoais educativas marcantes. Os sentimentos é que marcam nossas vidas, são eles que estão ligados aos momentos inesquecíveis, mesmo que os mais amargos.

O modelo teórico proposto por Selman (1988/1989) incorpora a afetividade e a representação de valores sociais dos sujeitos. Para ele, na resolução de conflitos morais, os sujeitos necessitam integrar interesses individuais e relacionais, daí a importância de se considerarem os aspectos cognitivos, afetivos e sociais, presentes nas relações interpessoais. (ARANTES, 2001).

Segundo Pino (apud TASSONI, 1998, p.1):

"os fenômenos afetivos representam a maneira como os acontecimentos repercutem na natureza sensível do ser humano, produzindo nele um elenco de reações matizadas que definem seu modo de ser-no-mundo. Dentre esses acontecimentos, as atitudes e as reações dos seus semelhantes a seu respeito são, sem sombra de dúvida, os mais importantes (...) São as relações sociais, com efeito, as que marcam a vida humana, conferindo ao conjunto da realidade que forma seu contexto (coisas, lugares, situações, etc.) um sentido afetivo".

O lado afetivo de alguém reflete, muitas vezes seu “estado de espírito” num dado momento, mas existe uma certa constância nas ações, marcando um caráter para cada um.

Nascemos para nos relacionarmos e sermos apoiados a todo instante e isso não pode ser retido, sob pena de nos robotizarmos.

“A necessidade de dar um lugar legítimo às emoções na educação está muito claro” (AOKI apud SANTI, 2004, p. 20), uma vez que as instituições de ensino não são (ou não deveriam ser) locais para repasse de conteúdo e informações, mas para a formação de sujeitos, de pessoas. E, como tal, deve-se considerar o aspecto da emoção e da afetividade com seu devido peso. Todo ser humano está revestido de sentimentos e isso se potencializa

sobretudo quando ele está junto/interagindo com outros pares.

Quando a relação se torna impessoal, onde em nome do todo desaparecem a liberdade e o particular, corre-se o risco de ficar caracterizada uma relação afetiva sem sucesso.

Por isso o anonimato é contrário a qualquer ato que possa ser entendido como afetivo, pois não existe reciprocidade na relação, muito menos pessoalidade.

4.5 - EMOTICONS E SMILES

Emoticon é um acrônimo formado com *emotion* (emoção) e *icon* (ícone) e consiste em um ícone composto por combinação de caracteres de pontuação que tem por objetivo indicar humor, descontentamento, estados de espírito, etc. São também conhecidos simplesmente como smiles (sorriso) ou *smileys* e esses símbolos usados em chats e correio eletrônico procuram demonstrar emoções ou expressar-se de forma mais "visual".

Sua leitura ocorre, geralmente, de forma lateral, inclinando a cabeça levemente para a esquerda. Mas a prática tem mostrado que sua ausência não implica a falta dos sentimentos que eles representariam. Alguns justificam seu uso pela importância em mostrar que há tom de brincadeira nos textos (quando for o caso), evitando interpretações errôneas do que se procurou expressar de fato.

Segundo Murphy e Collins (apud SANTI, 2004, p.10), os protocolos de afetividade como os emoticons (smilies), usados para realçar a comunicação *on-line* não têm os efeitos desejados, pois tornam o fluxo das mensagens turbulento quando aparecem na tela, e seu uso é algo que precisa de mais estudos.

Já Crystal (apud SANTI, 2004), afirma que os *emoticons* e os *smileys* são recursos que ajudam bastante na expressão das emoções e dos sentimentos, mas, ao mesmo tempo, consistem em formas ainda muito rudimentares no que tange à função de capturar expressões faciais básicas e seu papel semântico é muito limitado já que um único *smiley* pode possibilitar um número variado de leituras: : -) pode significar felicidade, simpatia, bom humor, diversão, brincadeira e etc.

Na verdade falta padronização, sistematização e, acima de tudo, método para esse recurso. Assim mesmo, é importante que eles sejam usados, mas com plena consciência.

O fato é que esses signos, apesar de muitas vezes não serem notados e interpretados corretamente, servem como um pequeno reforço, mas - obviamente - não

excluem a boa e cuidadosa escrita, atenta para expressões que tragam conotações inequívocas de uma interação baseada na afetividade.

Além de símbolos que procuram simular “faces humanas” ou “bonecos”, existem convenções criadas que, também são consideradas smiles, para realçar expressões e tentar dar uma “entonação” nas palavras e que, às vezes, são mais eficazes que as próprias faces simuladas.

Para isso, usa-se de forma exagerada a grafia, a pontuação, o uso de letras maiúsculas, espaçamentos, caracteres/símbolos especiais, etc.

Exemplos:

- letras repetidas: aaaahh
- repetição de sinais de pontuação: ?????
- caixa alta (gritando): ATENÇÃO
- espaçamento de letras (alto e claro): e u n ã o c o n c o r d o
- ênfase criada com uso de asteriscos: a * fórmula * é essa

No Anexo IV, deste trabalho, (Tabela 03) encontram-se alguns emoticons e seus respectivos significados:

Alguns ícones podem ser encontrados com outros significados pelo fato da falta de padronização já mencionada.

Com a tecnologia em constante crescimento e softwares capazes de criar animações com poucos bytes, tem-se notado uma tendência de incorporar ou substituir os smiles tradicionais por emoticons animados, inclusive com pequenas cenas. Atualmente, da mesma forma, eles não são associados ou percebidos da maneira como se imaginava, ficando mais uma vez a observação que nada substitui um texto bem elaborado.

Outros ícones, inclusive mais utilizados em comunicação pelo programa ICQ (*'I Seek You'*, que traduzindo quer dizer *'Eu procuro você'*), podem ser encontrados em:

<http://www.tremdoido.com.br/tipos_emoctions.htm>.

§§§

4.6 - A POSTURA DO EDUCADOR AFETIVO

“... acho crucial que os professores estejam abertos a negociações, não somente porque os alunos precisam vivenciar a fase da experiência, mas também porque o ato da negociação carrega a importante mensagem de que o relacionamento professor/aluno não tem que ser, necessariamente, um relacionamento entre controlador e controlado”.

Aoki (apud SANTI, 2004, p.18).

O professor afetivo não é aquele que se impõe como autoridade constituída, mas aquele que conquista e constrói um estado afetivo/emocional dentro de uma participação agradável, criando um ambiente ameno e de cooperação.

Freire (apud SANTI, 2004, p.16), sustenta que o professor precisa querer bem aos educandos e à própria prática educativa. Para ele, a afetividade está relacionada ao cuidado e respeito dirigidos ao educando. É um compromisso sincero, selado entre o professor e o aluno; Freire destacou: “o desrespeito à educação, aos educandos e aos educadores prejudica a prática educativa no sentido de termos, como docentes, nossa sensibilidade, nosso gosto e alegria pelo trabalho, deteriorados”.

Marchard (apud SANTI, 2004), usa o termo “par afetivo” ao se referir à relação professor/aluno. Para ele, a harmonia ou desacordo desse “par afetivo” muda o rumo para numerosos caminhos ou descaminhos possíveis (...), pois é a qualidade do diálogo presente entre educador e educando que cria entre eles um liame peculiar, ou os separa por obstáculos quase intransponíveis.

O mesmo autor também coloca que a responsabilidade maior para que a interação do “par afetivo” evolua positivamente é do educador, o professor é o “condutor do

jogo” e para isso deve se preparar, não somente preocupando-se com instrução ou conhecimento técnico profundo, mas também com a cultura interior de sua personalidade, com o cultivo do seu 'eu', o que pode ser feito através de higiene intelectual e disciplina afetiva.

As relações afetivas do indivíduo melhoram quanto mais tempo ele se dedica a isso e são qualitativamente melhores quanto mais as pessoas se sentem realizadas, ou seja, auto-suficientes, com melhor estima de si. (FASCIANI apud PELUSO, 1998, p.125).

De fato é mais fácil para o professor/tutor tomar as iniciativas para o estabelecimento de um diálogo, no entanto o que um professor diz pode passar a ter uma grande repercussão (ressonância) individual e por vezes marcante para os educandos. Isso não pode ser desconsiderado nessa construção, pois - como foi posto em relevo - as palavras têm o seu peso neste processo de edificação e não se pode agir em prejuízo do vínculo de confiança, imprescindível, entre professor e aluno.

Chalita (apud SANTI, 2004, p.16), ao descrever os atores do processo educativo, coloca o professor como o grande agente desse processo, pois segundo o autor, “para que um professor desempenhe com maestria uma aula, além de conhecer outras matérias, temas transversais, ele precisa acima de tudo conhecer o aluno, (...) o papel do professor no processo ensino-aprendizagem é muito importante em termos de relacionamento com seus alunos”.

Faz-se necessário criar um ambiente de bem-estar e isso diz respeito a uma habilidade de cunho afetivo do professor/tutor. Ele é que tem que possuir tal destreza na condução dessa ‘amizade’ a ser formada ao longo dos encontros (mesmo que virtuais) num curso. Para tanto é mister que o professor/tutor tenha as chamadas competências (conhecimento, habilidades e atitudes) pedagógicas e socioafetivas.

Schumann 1999, (apud SANTI, 2004, p.17), diz que “a dimensão de bem-estar está ligada à resposta de aproximação ou afastamento mediante um objeto, uma situação ou um agente.”

Mas à medida que o professor/tutor desenvolve sua sensibilidade na interação, com a presença de padrões de afetividade e a recorrência deles em suas falas, o próprio aluno passa a captar esse clima de cordialidade facilitando o processo comunicativo.

Spitalnik (apud SANTI, 2004, p.21), fala da importância de se criar um envolvimento ou vínculos de afeto positivo entre os participantes do contexto de uma aula (...) o envolvimento ou vínculo de afeto positivo criado na interação permite que sejam negociados os desentendimentos, sem que a relação entre os participantes seja destruída, promovendo, assim, a aquisição da competência comunicativa do aluno“.

Para o autor 'afeto positivo' tem conotação de alegria, felicidade e contentamento.

Abordando de uma forma mais clara e pragmática a atuação de um educador afetivo, interessado no crescimento do aluno e numa relação salutar que desponte no sucesso da aprendizagem, inclusive do conteúdo, destaco ações e características como:

- buscar proximidade com um grau de formalidade equilibrado;
- mostrar entusiasmo, afiliação e receptividade;
- possuir humor e saber fazer bom uso dele;
- saber da importância social na formação do sujeito;
- ser acolhedor e respeitador (não me refiro apenas à cordialidade, mas também às diferenças);
- ser um negociador constante (aberto);
- naturalmente, deixar as expressões de apreço aparecerem;
- procurar se aproximar, discernindo as situações em que o aluno quer privacidade;
- ser empático e solidário;
- ser cúmplice e envolvido com a turma e suas construções cognitivas, sociais e afetivas;
- expor a razão de tudo o que é proposto explicando os objetivos depois de cada “comando” ou atividade;
- saber contribuir com experiências e informações, que acarretem

engajamento e envolvimento maior, individualmente e coletivamente.

Um professor/tutor expressa afetividade compartilhando sentimentos (agradáveis e/ou desagradáveis) quando se dirige aos alunos conferindo a preocupação com um aspecto mais social do que institucional à interação, emitindo um sentimento que crie credibilidade diante deles.

É fundamental que a relação professor/aluno seja íntima o suficiente para que ambos se conheçam e a partir desse conhecimento venha o respeito mútuo. É sempre um bom indicativo quando um professor/tutor demonstra que sabe o que está se passando com cada aluno, os que não vêm, os que estão com problemas pessoais, os que sinalizaram dificuldades de qualquer ordem, etc.

Outro sinalizador interessante, apesar de óbvio, é quanto ao tratamento. Se o é pelo nome (ou até apelido, quem sabe, quando autorizado), demonstra mais intimidade.

Além do estado afetivo e da sensibilidade das relações na participação dos alunos num curso (seja presencial ou a distância), um outro aspecto a ser observado em tal convívio/interação é quanto à existência da “Presença Social”.

O conceito de “Presença Social” foi abordado por Santi em sua dissertação de mestrado, em 2004 pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, onde estudou o comportamento num curso de inglês *on-line*, avaliando a Presença Social, a interatividade e a afetividade da professora a partir dos indicadores fornecidos na tabela abaixo:

Tabela 01

Avaliação da Presença Social

<u>Categorias</u>	<u>Indicadores</u>
AFETIVA	1) Expressões de emoções
	2) Uso de humor
	3) Exposição pessoal

Avaliação da Presença Social

INTERATIVA	1) Citação de outras mensagens postadas 2) Referência explícita às mensagens de outros participantes 3) Uso de perguntas 4) Cumprimento e expressões com apreço 5) Expressão de conformidade 6) Continuação de um tópico iniciado por outro aluno
COESIVA	1) Vocativos mostrando intimidade 2) Utilização de pronomes ou palavras inclusivas (nosso, nós, grupo, etc) 3) Saudações

Segundo Santi (2004), a avaliação da “Presença Social” foi estudada por Rourke, Anderson, Garrison e Archer (2001), referindo-se à habilidade dos alunos em se projetarem socialmente e emocionalmente em uma comunidade de investigação. O termo é derivado do termo proximidade (*immediacy*).

Segundo os autores, citados por Santi, quando qualquer grupo é atraente, envolvente e recompensador, levando à frente uma integração acadêmica, social e institucional, consegue sustentar seus objetivos cognitivos e afetivos sem maiores problemas.

Os autores defendem que um nível considerável de “Presença Social” é necessário para assegurar uma aprendizagem significativa que pode ser medida em termos de efeito de bem-estar, quantidade e qualidade de participação dos alunos num ambiente educativo.

Dessa forma, pode-se avaliar de forma sistematizada qual foi o grau de afetividade nas conversações e interações, num dado período, de um curso.

Na pesquisa de Santi (2004, p.129), concluiu-se que:

“é possível expressarmos nossos sentimentos e emoções num ambiente *on-line*, apesar de não ser tarefa fácil, mesmo porque há poucos recursos no sentido de

simularmos a entonação e a linguagem verbal durante a interação”; e ainda que “um nível de ‘Presença Social’ é necessário para assegurar uma aprendizagem significativa”.

Por fim, afirmou que “a afetividade influencia diretamente na aprendizagem e a interação é fator importante para que ela ocorra”. (SANTI, 2004, p.131)

Giorgio Siboldi e Mariella di Salvo (apud PELUSO, 1998, p.25), recomendam que sempre se deve “fazer um acompanhando do percurso evolutivo do indivíduo estimulando seu comportamento pró-social”.

A ênfase aqui, como se vê, não é especificamente no conteúdo, mas no aspecto sociorrelacional.

O professor antes de tudo deve ser visto como um parceiro, um amigo, um igual. Alguém que também está pronto a aprender com tudo e com todos. Muitas vezes é nesse ponto que alguns professores/tutores tropeçam por não terem humildade e uma visão um pouco mais apurada do que seja educador, educação e aprendizagem. Pois não conseguem se ver no mesmo patamar que seus alunos dificultando, desta forma, um relacionamento com proximidade.

Palavras formais com um tom de alto conhecimento ou autoritárias espantam o aluno, impedindo um relacionamento mais natural.

Segundo Santi (2004, p.130), “o conhecimento dos sentimentos e emoções dos alunos pode ser muito útil ao professor (...) no sentido de conseguir a participação deles nas atividades. A afetividade pode ser usada como uma forma mais fácil para conseguir a colaboração dos alunos de maneira mais amigável do que impondo autoridade”.

Outro lado interessante a ser observado é quanto ao estilo de escrita (estilo discursivo) do professor/tutor e aos termos que freqüentemente utiliza. A afetividade está na expressão do professor/tutor, espelhando também sua consideração com a pessoa do outro, por isso vale observar se ele escreve com o devido cuidado ou não.

Melhor seria se o professor/tutor em sua fala amenizasse seus “comandos” (pelo fato de sua posição como professor), dando um tom mais de sugestão do que de ordem, diminuindo a diferença social entre ele e os alunos. Isso pode ser observado pela oração interrogativa, por exemplo.

O fato de suavizar o “comando” (expressões atenuantes) para diminuir as distâncias cria um espaço social mais amigável, facilitando as negociações e proporcionando manifestações mais espontâneas.

A respeito disso, a consciência do professor/tutor em relação ao seu papel social em uma turma é de suma importância. Queira ou não, ele é o professor/tutor e culturalmente isso já é o bastante para ocorrer um distanciamento.

Na nossa cultura é comum os alunos se referirem aos professores chamando-os pelo nome de sua função (professor), denotando com isso uma intimidade (proximidade) pequena, bem como uma aproximação menor, um respeito que beira o medo ou, em alguns casos, que retrata uma diferença brutal de realidades.

O professor/tutor quando fala deve se incluir no grupo, se é que ele quer fazer parte do mesmo. Assim vai instaurar o afeto e a abertura, para que ocorram interações interessantes, transformadoras, criativas, lúdicas e, conseqüentemente, mais fáceis de serem absorvidas no coração e no intelecto.

Quando se faz uso de vocativos coletivos para se referir aos alunos, em geral, gera-se um afastamento, uma vez que o professor/tutor se coloca na posição de quem está de fora, dirigindo, ou melhor, chefiando as coisas.

É importante que se desmascare a importância que se dá a si mesmo, enquanto professor. O nome próprio é sempre bem-vindo num processo dialógico desarmado.

“A ênfase da interação está não somente nas pessoas, mas no que elas pensam ou fazem no momento em que ocorre essa interação. Todos os indícios de proximidade entre

aluno e professor podem ser reforçados pelas escolhas da linguagem adotada”. (SANTI, 2004, p.102).

Em se tratando de proximidade, não podemos deixar de citar a teoria das “Distâncias Transacionais” do professor Tori (2002), da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo e do Instituto Sumaré de Educação Superior.

Tori questiona a expressão “distância”, usada na modalidade “educação a distância”, já que o que menos se quer é distância, antes os professores/tutores lutam pela proximidade. Ele diz que no futuro esse termo deve cair em desuso, devendo prevalecer simplesmente o conceito de educação.

E sugere nesse momento, que chama de período de transição, alguns termos alternativos, como e-learning, web-education, educação virtual interativa, educação semipresencial (que aliás foi a modalidade utilizada no curso objeto de nossa pesquisa), dentre outros.

Em sua proposta são identificados 3 tipos de distâncias e 3 tipos de relacionamentos nos quais a sensação de proximidade pode ser percebida pelos aprendizes.

Ele calcula em sua tese, um índice de proximidade onde são levadas em consideração três tipos de distâncias (espacial, temporal e interativa) para cada uma das três relações possíveis (aluno-professor, aluno-aluno e aluno-material). Em uma determinada atividade de aprendizagem, identifica-se, para cada uma das três relações, se há ou não possibilidade (potencial) de aproximação em cada um dos três tipos de distâncias. Os nove valores binários (existência ou não de potencial de aproximação na distância-relação) assim identificados, entram em uma fórmula, que gera um valor entre 0 e 100 (quanto maior esse valor, tanto maior é o potencial de proximidade). O cruzamento dessas variáveis geram 512 possibilidades de distanciamento.

A Distância Espacial diz respeito à relação na ocupação do espaço físico entre aluno/professor, aluno/aluno e aluno/material de estudo, que podem estar no mesmo espaço físico ou não.

A Distância Temporal refere-se à simultaneidade ou não das atividades que relacionam aluno/professor, aluno/aluno e aluno/material de estudo.

A Distância Interativa, também chamada de operacional, é aquela que tem relação direta com a participação do aluno no processo, informando se este é ativo ou passivo. Quanto maior a interatividade do aluno menor a distância. Há 3 tipos de distâncias operacionais: professor/aluno (aula expositiva X aula interativa); aluno/aluno (trabalho individual X trabalho cooperativo) e aluno/material de estudo (material passivo X material interativo).

Quem já tinha abordado e questionado o conceito de distância foi Michael G. Moore, em 1973, na Inglaterra, elaborando a “Teoria da Distância Transacional”, colocando como expoente maior a interação social na educação e o fato que alguns estão junto, porém separados (sem comunicação) e que outros estão “a distância”, porém experimentando “apoio e geração de conhecimento entre colegas”. Moore (apud NETO, 2002, p.1).

Quanto a alguns aspectos mais voltados ao dia-a-dia do professor/tutor no lidar com sua prática educativa afetiva, percebo que no meio *on-line*, onde a interação é 100% por escrito nunca é demais ênfatizar os “comandos” e as posições. Isso ajuda a reforçar as idéias e evitar mal-entendidos. A repetição e a redundância são profícuas nesse caso resultando, nos meios virtuais, em uma segurança e clareza comunicativa.

Estar alerta na comunicação é salutar, pois as significações de palavras isoladas e as impressões que elas provocam modificam o presente e, em alguns casos, modificarão o futuro, bem como poderão alterar o ambiente e o clima de grupos inibindo relações mais cordiais e afetivas.

Outro aspecto em pauta, é quanto ao cunho afetivo demonstrado quando o professor/tutor recebe uma mensagem, quando cumprimenta, quando encoraja, fazendo tudo

com a marca de uma relação afetiva e como suporte para aperfeiçoar e prolongar tal relacionamento. Lima (2004, p.36), em sua monografia intitulada “A Afetividade Eliminando Distâncias: A afetividade como mola propulsora da interatividade e motivação nos processos educativos” (...) expressou um desejo legítimo quando disse: “que a educação seja mediada pela afetividade”.

5. METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa, com pesquisa de campo e coleta de dados, a partir de Formulário (Apêndice - Formulário de Coleta de Dados) distribuído para validar, não só a adequação do modelo, como a predominância da interação afetiva durante o curso. Outra ação para corroborar com a primeira foi a verificação dos registros (após o término do curso) das mensagens trocadas no fórum.

Enquanto acompanhava o curso de maneira bastante discreta, fui montando o Formulário e buscando o referencial teórico dentro do tema escolhido. Já era intenção verificar o fórum após o término do curso, para que não houvesse um “estranho” em sala.

Obtive a informação (e escutei depoimentos) que as discussões estavam despertando o interesse da turma em relação ao conteúdo e à oportunidade de poderem estar juntos. E ainda, que os espaços virtuais estavam sendo utilizados para reforçar os elos que estavam sendo criados em sala de aula presencial, mas que também o contrário estava acontecendo. 'Estar juntos' para a turma, não era necessariamente olho-a-olho, mas também encontrar-se virtualmente, e para alguns principalmente. O que muito me chamou a atenção.

Seria esse um bom espaço para estreitar os laços?

A interação no curso priorizou as relações interpessoais e não apenas as atividades em si do curso.

Fui despertado a identificar a adequação e os benefícios dessa interação, o quanto isso contribuiria no aprendizado, quais foram os momentos mais fortes de interação, se no presencial ou a distância, se houve identificação de uma importância dada a um lidar mais voltado ao afeto, respeito, considerando o outro, seus sentimentos e quanto à linguagem utilizada. A montagem do formulário foi baseada nessas premissas.

O Formulário é composto de duas partes, na primeira parte há 13 (treze) perguntas, onde o aluno escolhe uma única alternativa num universo de 5 (cinco) opções (Excelente, Boa, Razoável, Ruim e Péssima). Propositalmente deixamos que houvesse a possibilidade de respostas chamadas indefinidas (“em cima do muro”), já que entendo que isso pode ser possível e tal posição é digna de respeito.

O Formulário segue, na segunda parte, com mais 12 (doze) perguntas objetivas, mas com solicitações subjetivas, uma vez que induz ou pede a “justificativa” da resposta, inclusive deixando três linhas, esperando pelo menos um parágrafo escrito. Porém, tais respostas não foram tabuladas mas consideradas para verificação de possíveis contradições por parte do respondente em relação às primeiras perguntas. Todas responderam à segunda parte do Formulário, sem contudo, apresentarem contradições.

Essas últimas perguntas contém assuntos como vantagens/desvantagens de um curso híbrido, facilidade de aproximação com o professor e/ou colegas, perguntas sobre o ambiente (se era propício a um convívio agradável) e sobre a própria afirmativa - no início do Formulário - de que a “Afetividade” é fundamental para a aprendizagem, oportunizando que os alunos se manifestassem quanto a essa premissa.

Ora, alguém, por exemplo, que respondesse que a “Afetividade entre aluno/professor nos momentos a distância do curso” foi “Excelente” e depois respondesse que não teve abertura ou ambiente para se aproximar de algum aluno/professor durante o curso, estaria no mínimo precisando rever uma de suas respostas. É difícil alguém conviver de maneira bastante próxima com outra pessoa, sem que haja abertura e evidências de afeto recíproco.

Como em nenhum caso houve contradição, mantive a proposta inicial de tabular apenas a primeira parte do Formulário.

Alguns dos itens referenciados neste instrumento fizeram parte, inclusive, das discussões no fórum, até porque constavam do conteúdo programático do curso - Projeto Pedagógico do Curso de OTP (Anexo I).

Na penúltima semana do curso, conversei com o professor e com os responsáveis pedagógicos do mesmo, expondo o interesse em realizar essa pesquisa e contei com o apoio e aquiescência de todos. Fui à sala de aula, após prévio anúncio, e narrei mais uma vez a intenção de fazer tal estudo e o desenvolvimento de um trabalho ligado à área de Educação a Distância pelo fato de estar cursando Especialização na mesma área na Universidade Católica de Brasília, solicitando a colaboração dos alunos. Todos os presentes concordaram prontamente em ajudar, inclusive se dispondo a preencher o Formulário na mesma hora. No entanto, como alguns não estavam presentes entendemos, de comum acordo, que todos teriam que ter o mesmo tempo e condições iguais para as respostas, o que me levou a enviar o Formulário, posteriormente, a todos por e-mail.

Os alunos que não estavam presentes na apresentação, *in loco*, foram comunicados via fórum e e-mail e não se opuseram em colaborar, como o fizeram. Os Formulários foram respondidos em média duas semanas e meia depois, após a solicitação, por **13 alunos** de um total de 25, o que corresponde a 52% da turma.

O cerne deste trabalho foi investigar, em campo, o comportamento afetivo das interações em cursos bimodais, com especial ênfase no desempenho do professor/tutor.

Procurei observar, no curso ora em pauta, os itens até aqui abordados, como o entendimento a respeito da razão e da emoção na formação dos sujeitos, a linguagem, a importância que se dá aos sentimentos, o uso de expressões adequadas num ambiente educacional presencial e *on-line*, o apoio de recursos como ícones que quebram a formalidade e sinalizam os estados de espírito, o conhecimento da Taxonomia do Domínio Afetivo, a Avaliação da Presença Social e, enfim, a postura do professor/tutor enquanto agente transformador, uma vez que é um educador, e os reflexos disso.

Passarei a abordar e contextualizar a respeito do local do curso, clientela, metodologia, motivação para a concretização do curso e da escolha desse tema para estudo. Depois passarei às apresentações dos resultados, com a análise dos mesmos.

De forma que o problema expressão e comunicação já é um aspecto particular de outro mais geral: indivíduo e coletividade.

J. Ozon - V. Língua Aprendida, Cultura adquirida. Rio, 1966 apud GALVÃO, 1979, p.15.

5.1 - A Educação a Distância na Câmara dos Deputados

Desde o ano de 2000, o CEFOR - Centro de Formação, Treinamento e Aperfeiçoamento da Câmara dos Deputados vem pesquisando a metodologia de Educação a Distância e implementando gradativamente cursos e iniciativas educacionais com esse método pedagógico a partir da criação do Núcleo de Educação a Distância - NUEAD.

O CEFOR promove cursos no âmbito externo e interno, atendendo em relação a esta última clientela, cerca de 12.000 servidores entre o Quadro Efetivo, Cargos de Natureza Especial, Secretários e Assessores Parlamentares e servidores de empresas terceirizadas; e na clientela externa servidores do legislativo em geral, na esfera federal, estadual e municipal, ou seja, Senado Federal, Tribunal de Contas da União, Câmara Legislativa do Distrito Federal, Assembléias Legislativas Estaduais e Câmaras Municipais em todo o Brasil, além de cursos a outros órgãos e entidades de classe e até cursos a parlamentares de outros países. Enfim é um espectro com horizontes gigantescos.

No entanto, o grande gargalo nessa atividade tem sido a formação de tutores capacitados, como o mínimo de formação educacional e pedagógica.

Daí a montagem do curso de OTP - Organização do Trabalho Pedagógico - cujo objetivo é dar a esses profissionais a oportunidade de discutirem “A Educação” em si, bem como serem apresentados a conceitos pedagógicos modernos (Anexo I). A clientela do curso foi de instrutores com experiência já no presencial, alguns com formação docente, sem contudo vivência com turmas em ambientes virtuais.

O NUEAD/CEFOR acredita que é fundamental que nessa formação haja a compreensão dos elementos afetivos numa ação educativa. Por isso a escolha do tema em mote.

Uma observação importante para clareza do trabalho é que quando se fala em “turma”, na verdade, estou me referindo a duas turmas (a quarta e a quinta já oferecidas), mas

dividindo o mesmo espaço virtual. Isso significa dizer que a metade da turma se conhecia presencialmente e a outra metade apenas pelo fórum do Ambiente Virtual de Aprendizagem - AVA. Mesmo assim as interações (inclusive entre as pessoas de turmas diferentes) se deu de maneira intensa.

As turmas anteriores não foram bimodais (presenciais e a distância), porém esta foi desenvolvida no próprio AVA, também chamado de *Learning Management System* (LMS), de maneira híbrida (semipresencial), com uma carga horária de 60 horas, sendo 30 horas presenciais e 30 a distância, com 25 alunos em duas turmas, a primeira com 14 e a segunda com 11.

Para efeito deste estudo estou considerando as duas turmas como uma turma apenas no que diz respeito à tabulação de dados e análise dos resultados.

5.2 - Resultado da Pesquisa

Pergunta n° 1

Adequação e benefícios do modelo híbrido (presencial e a distância) em relação à qualidade das interações

- 61,5% - Satisfação Excelente
- 23,5% - Satisfação Boa
- 07,5% - Satisfação Razoável
- 07,5% - Satisfação Ruim
- 0,0% - Satisfação Péssima

Análise:

Há duas perguntas embutidas: quanto à adequação e quanto aos benefícios em relação às interações. Pela observação das mensagens trocadas pelos alunos (Anexo II), ficou evidente a adequação do modelo, uma vez que havia mais flexibilidade no tempo e a qualidade e quantidade de trocas foi satisfatória, como a maioria comprovou, inclusive no que diz respeito à assimilação cognitiva, como veremos.

Pergunta n° 2

Interação nos momentos presenciais do curso

- 69,0% - Satisfação Excelente
- 23,0% - Satisfação Boa
- 8,0% - Satisfação Razoável
- 0,0% - Satisfação Ruim
- 0,0% - Satisfação Péssima

Análise:

Nossa cultura é de aula presencial, mais expositiva. Os momentos presenciais do curso foram abertos o bastante para incentivar o diálogo, o que ocorreu também, como veremos, no ambiente virtual.

Pergunta nº 3

Afetividade entre aluno/professor nos momentos presenciais do curso

54,0% - Satisfação Excelente

31,0% - Satisfação Boa

15,0% - Satisfação Razoável

0,0% - Satisfação Ruim

0,0% - Satisfação Péssima

Análise:

Da mesma forma que observamos anteriormente, nossa tradição cultural é de professores mais distantes, senhores do saber, em cima de pedestais. A afetividade é irmã do diálogo e, por sua vez, contrária ao autoritarismo.

Pergunta nº 4

Interação nos momentos a distância do curso

38,5% - Satisfação Excelente

31,0% - Satisfação Boa

15,5% - Satisfação Razoável

15,0% - Satisfação Ruim

0,0% - Satisfação Péssima

Análise:

Apesar de um percentual menor que a mesma pergunta no que se refere ao presencial, vê-se que houve boa interação. Isso também nos remete ao que temos insistido quanto à cultura. Os paradigmas vão se alterando lentamente.

Pergunta nº 5

Afetividade entre aluno/professor nos momentos a distância do curso

42,0% - Satisfação Excelente
 26,0% - Satisfação Boa
 16,5% - Satisfação Razoável
 15,5% - Satisfação Ruim
 0,0% - Satisfação Péssima

Análise:

Da mesma forma que nos casos anteriores (pergunta nº 4 - percentuais menores que no presencial), na dimensão virtual é sempre mais difícil manter um nível de expressão afetiva capaz de superar o presencial. Isso não significa, no entanto, que ela não exista e que não possa ser melhorada, inclusive há pessoas com perfis que preferem mais um do que o outro para se manifestarem de forma interativa/afetiva.

Pergunta nº 6

Possibilidade de interações afetivas entre aluno/aluno nos momentos presenciais do curso

47,0% - Satisfação Excelente
 38,5% - Satisfação Boa
 14,5% - Satisfação Razoável
 0,0% - Satisfação Ruim
 0,0% - Satisfação Péssima

Análise:

O que se nota numa sala de aula tradicional são pessoas olhando umas para a outra, e não olho-no-olho como se defende. Nesse curso, diferentemente, por se tratar de uma proposta didático-pedagógica voltada para outros pressupostos educacionais, a própria disposição da sala foi modificada (em círculo, como deve ser), e a postura do professor/tutor foi de diálogo e reciprocidade nas interações. O resultado não poderia ser diferente, ou seja, a maioria se sentiu em condições e com abertura para interagir, dando lugar ao aparecimento da afetividade.

Pergunta nº 7

Possibilidade de interação afetivas entre aluno/aluno nos momentos a distância do curso

24,0% - Satisfação Excelente

46,0% - Satisfação Boa

15,5% - Satisfação Razoável

14,5% - Satisfação Ruim

0,0% - Satisfação Péssima

Análise:

A situação vem se repetindo. Apesar dos alunos terem muito mais facilidade de entrarem em contato com o professor/tutor, ou mesmo com os alunos, por e-mail, ou simplesmente postando uma mensagem no fórum, isso ocorreu em menor grau que no presencial, como nos mostram os números do resultado desta pergunta.

Mesmo assim, houve abertura suficiente para diálogos onde pessoas falaram de si mesmas (expondo-se). E isso caminha para relações afetivas. (Anexo II).

Pergunta nº 8

Assimilação de conteúdo na parte presencial

54,0% - Satisfação Excelente

46,0% - Satisfação Boa

0,0% - Satisfação Razoável

0,0% - Satisfação Ruim

0,0% - Satisfação Péssima

Análise:

Aqui se evidencia um aspecto ainda não visto: o percentual de assimilação do conteúdo na parte presencial é MENOR, para os alunos que participaram da pesquisa, do que na parte a distância (pergunta nº 10). Costuma-se dizer que o aluno *on-line* deve gostar de ler

(ainda mais sendo o caso de professores, como aqui) mas aqui trata-se de um curso bimodal. Assimilar conteúdo, no entanto, não é só leitura, envolve muitas outras coisas, como o ambiente e a própria afetividade, como foi amplamente defendido até aqui.

Pergunta nº 9

Aprofundamento do conteúdo na parte presencial

77,0% - Satisfação Excelente

15,5% - Satisfação Boa

7,5% - Satisfação Razoável

0,0% - Satisfação Ruim

0,0% - Satisfação Péssima

Análise:

Idem à pergunta nº 8. Tal resultado leva-me a questionar o porquê de maior ou igual assimilação e aprofundamento de conteúdo. De acordo com os números, será que está havendo uma relação com o sentimental e racional, em proporção ao modelo presencial e a distância? Ou seja, quando o modelo exige leitura e raciocínio há assimilação/aprofundamento iguais, mas quando se fala de afetividade entende-se que o presencial é melhor e para alguns imbatível? Seria esse encadeamento lógico?

Pergunta nº 10

Assimilação de conteúdo na parte a distância

77,0% - Satisfação Excelente

15,5% - Satisfação Boa

7,5% - Satisfação Razoável

0,0% - Satisfação Ruim

0,0% - Satisfação Péssima

Análise:

Vide análise da pergunta nº 8. O Percentual de respostas “Excelente” e “Boa” é

22,5 pontos maior que na mesma pergunta referindo-se aos momentos presenciais.

Pergunta nº 11

Aprofundamento do conteúdo na parte a distância

77,0% - Satisfação Excelente

0,0% - Satisfação Boa

15,5% - Satisfação Razoável

7,5% - Satisfação Ruim

0,0% - Satisfação Péssima

Análise:

Nas respostas a esta indagação, nota-se que o número de escolhas correspondentes a “Excelente” foi igual ao modelo presencial, confirmando a adequação do modelo mesclado (curso híbrido). Mesmo tendo uma pequena ocorrência na opção “Ruim”.

Pergunta nº 12

Presença de afetividade na linguagem utilizada nas aulas presenciais

70,0% - Satisfação Excelente

30,0% - Satisfação Boa

0,0% - Satisfação Razoável

0,0% - Satisfação Ruim

0,0% - Satisfação Péssima

Análise:

Mais uma vez, comprova-se uma certa preferência e talvez, para alguns, “superioridade” na parte presencial, sinalizando o sucesso do modelo e a presença de uma linguagem própria e afetiva. Contudo, quando se analisa o todo, isto é, o modelo adotado (semipresencial) fica notória a adequação e o êxito do mesmo.

Pergunta nº 13

Presença de afetividade na linguagem utilizada nas interações a distância

61,5% - Satisfação Excelente

23,0% - Satisfação Boa

15,5% - Satisfação Razoável

0,0% - Satisfação Ruim

0,0% - Satisfação Péssima

Análise:

O que é curioso é que, teoricamente, a linguagem usada na presença de alguém e longe desse, é parecida. Nesta última às vezes mais pensada, rebuscada, impedindo (quem sabe) um grau maior de afetividade exposta. Sem contar com o fator da entonação que é perdida a distância. Lembrando também da importância e peso da linguagem, como abordado anteriormente.

Todavia, é tanto verdade que pode haver afetividade a distância e - óbvio - no presencial que os números ratificam isso. E a satisfação dos alunos com o modelo pedagógico e com a postura profissional do educador responsável validam e autenticam a mesma.

A mesma pessoa que fala perto e a distância sofre influências diversas fazendo com que sua linguagem se altere um pouco nestas duas situações.

Há pessoas que têm facilidade de se expressarem de forma mais afetiva num ambiente presencial e outras a distância. Cada situação tem sua peculiaridade e enquanto nesta percebe-se que há frases mais pensadas, rebuscadas, cautelosas; naquela quem se comunica pode contar com a entonação de voz, espontaneidade, gestos e congêneres que, talvez, facilitem a identificação de pessoas mais simpáticas e carismáticas. Mesmo que virtualmente também seja possível encontrar carisma.

Constatai, também baseado na verificação das mensagens do fórum que a afetividade esteve presente e que a “Presença Social” que Santi (2004), aborda também foi

marcante. Identifiquei, com facilidade, todas as categorias e subcategorias dessa teoria nas trocas e interações e, de maneira manifesta, a presença da afetividade e das emoções.

Apenas alguns exemplos: Determinados alunos sentiram segurança no grupo para fazerem algumas brincadeiras (Uso de humor - Tabela 01, página 39) e, conseqüentemente, se expõem quando conversaram sobre a quantidade de filhos de uns e de outros: “Você disse que tem alguns filhos, o número é fechado ou você tem dúvidas?”

As expressões interrogativas (Uso de perguntas - Tabela 01, página 40), é bastante encontrado e caracteriza uma comunicação mais amena, uma vez que não impõe a idéia, mas pergunta ao grupo a respeito dela. A repetição de sinais para enfatizar tais perguntas, ou mesmo exclamações, dependendo do caso também foi bastante comum: “... quando se nasce junto com determinados costumes tendemos a assimilar tudo o que se está vivendo, não é ???”

A citação de outras mensagens postadas, a continuação de tópicos iniciados por outros alunos e o compartilhamento de informações, (Referência explícita às mensagens de outros participantes - Tabela 01, página 40) comprova a dinâmica da interação e a importância que foi dada às considerações dos colegas. Isso também pôde ser constatado: “Gostei da participação do Fulano”; “Gostaria de compartilhar um texto de minha autoria...”; “... evidencia algo que discutimos ontem em sala de aula”; “Partilho da concepção apresentada pelo Fulano”.

Expressões e saudações afetuosas (Expressões de emoções, saudações, cumprimento e Expressões com apreço - Tabela 01, página 39 e 40), marcaram presença no fórum: “Fique tranquilo Fulano, só fiquei triste em não ter podido estar presente...”; “a relação no Ambiente para mim tem sido uma grata surpresa...”; “Um abraço”; “Estou contente por integrar o grupo... funciona como verdadeira terapia”; “Estou com saudades e espero revê-los amanhã”; “lamento não ter saboreado o lanche na turma da manhã”; “Oi pessoal !!!”; “Será um prazer trocar figurinhas com vocês”.

Em todo momento o nome das pessoas envolvidas no processo interativo era lembrado (Vocativos mostrando intimidade e Utilização de pronomes inclusivos - nosso, nós -

Tabela 01, página 40), bem como expressões coletivas: “Olá PessoALL! ! !”; “Oi Fulano, Oi a todos do grupo”; “O Fulano foi muito maldoso com o Ciclano... (risos)”; “gostaria de indicar para os colegas...”; “Fulana e eu levaremos o lanche de amanhã”; “(...) E uma forma de estarmos juntos”; “Gente, com a leitura do texto... me lembrei do meu filho caçula...”; “Quero saber de vocês...”; “como tem sido para VOCÊ essa experiência?”

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existe uma relação interessante entre pais e filhos e entre professores e alunos. Todo pai, inevitavelmente, já foi filho e todo professor já foi aluno.

No entanto, tanto uns como outros (pais e professores), esquecem-se, por vezes, das necessidades daqueles que deles esperam alguma coisa. Refiro-me ao pai que não lembra dos seus anseios, enquanto filho, para compreender e até orientar o filho e do professor que se esqueceu o quanto era enfadonho a monotonia de algumas aulas, repetitivas e fora da sua realidade. Por mais que o professor tentasse explicar que aquilo teria alguma importância, nunca conseguia pela tamanha evidência que havia entre o mundo dele (professor) e o do aluno, entre o conteúdo imposto e os interesses do alunado.

Ambos, pai e professor devem se lembrar o quanto seria bom uma relação impregnada de afetos, sentimentos transparentes, não contidos, enfim de emoção... muita emoção. Que isso não seja esquecido. A vida precisa disso.

“A rigor é isto uma verdade mais que geral: qualquer atividade humana traz em si um lastro afetivo. Da mesma sorte que os monólogos ocorrem nas primeiras fases da infância, as primeiras manifestações lingüísticas são, do ponto de vista psicogenético, essencialmente afetivas.” (GALVÃO, 1979, p.55).

As coisas mudam, as tecnologias mudam, mas o afeto sempre estará como pano de fundo nas relações e necessidades humanas. A real e fundamental experiência humana é a afetividade.

“Quando alguma resistência se interpõe entre os verdadeiros sentimentos, ela também se interpõe entre a sua melhor possibilidade de sobrevivência. Os sentimentos não podem ser controlados (...), pois eles querem se manifestar. Tentar contê-los apenas dá nova modelagem à maneira pela qual eles

aparecem, mas não muda o sentimento propriamente dito ou diminui seu impacto”. (VISCOTT, 1982, p.55 e p.78).

De modo geral, cada estado de consciência é, a um tempo, afetivo e intelectual; a verdade é que esses elementos participam em dosagens, em proporções relativas, uns mais, outros menos. Se tais fenômenos são menos visíveis, mais recônditos, nem por isso deixam de estar sempre presentes.

Todo potencial humano está diretamente ligado ao sentimental. Quando se atua com sinceridade e afetividade a resultante produzida é singular e impactante o suficiente para dar continuidade a esse processo educativo, que é, em última análise, uma construção de uma sociedade menos ríspida, menos embrutecida, mais sensível e mais consciente das coisas da alma.

Viscott (1982, p.127), diz que “pensar num problema sem senti-lo completamente é, na melhor das hipóteses, alcançar uma solução parcial, temporária e superficial”. E adiciona: “Sem sentimentos o mundo é remoto”. (grifo nosso).

A afetividade e a interação são responsáveis pela formação e comportamento do sujeito.

Pela observação dos depoimentos e das mensagens trocadas no espaço do fórum do curso em estudo, bem como pela constatação dos dados tabulados do formulário distribuído, podemos averiguar que a linguagem bem escrita, objetiva e, acima de tudo, com intenção afetiva promove uma boa aprendizagem e traz satisfação aos educandos.

Contribui também para a configuração de um clima recíproco, amistoso e tranquilo onde a educação, na concepção mais abrangente da palavra, dá o ar de sua graça, se mostrando no âmbito social, cultural, familiar, religioso, econômico e político. Já que a educação, bem como os sentimentos, permeiam todos eles.

Pela análise do resultado da pesquisa, nota-se que há uma tendência a se aceitar o modelo bimodal, por ser adequado, que houve afetividade por parte do professor/tutor e,

ainda, que a mesma teve peso no processo de construção de conhecimento da turma. Também que houve uma interatividade entre os pares (alunos) da turma.

No entanto, evidenciou-se que a relação afetiva e dialógica se deu de forma mais satisfatória na parte presencial, mesmo com diferenças de percentual muito pequenas. Com a ressalva para o caso do conteúdo (assimilação e aprofundamento) que se mostrou idêntico na parte presencial e a distância e até maior nesta, na análise da “assimilação”.

A pesquisa, todavia, não visa comparar um e outro modelo (presencial e a distância), mas avaliar se o modelo híbrido é apropriado, bem como perceber a influência da afetividade nesse processo. Aliás, tal modelo desponta cada vez mais como uma tendência nas instituições de ensino de modo geral.

Se houve, boa satisfação, assimilação e profundidade no curso, isso implica dizer que a afetividade teve participação, pois - como vimos - ela não está dissociada no nosso modelo interno de aprendizagem.

Num curso a distância podemos verificar segmentos que aparecem nestas três categorias, quando vemos expressas as opiniões sobre o próprio curso (percepção); seus gostos por coisas particulares, em apresentações e conversas *on-line* (afeto); e quando avaliam seu desenvolvimento em relação às atividades e conteúdos (cognitivo). (ARANTES, 2003).

Se há um grupo social, necessariamente há relações afetivas (trocas). Nesse contexto, quando se dá abertura e cria-se um espaço para relações carregadas de afeto, indubitavelmente, colhe-se o bom fruto disso. Todos esses aspectos foram observados neste curso.

O resultado é inequívoco, apontando o modelo bimodal como um bom modelo e confirmando a presença de afetividade nas ações pedagógicas o que teve uma importância vital para o curso.

Na apresentação da Fundamentação Teórica, no item correspondente à “Avaliação da Presença Social” (p. 39), todos os 12 itens descritos foram encontrados nas mensagens do fórum, a saber nas categorias: Afetiva, Interativa e Coesiva.

7. REFERÊNCIAS

A Taxonomia do Domínio Afetivo.

<<http://www.webquest.futuro.usp.br/recursos/bloom.html>>, acesso em 12/01/05.

ALVIM, Max. **Não esqueçamos o essencial: o pátio de recreio.** Brasília-DF: Palestra proferida na Câmara dos Deputados, 2004: **Nos anais em Brasília, no Centro de Documentação e Informação da Câmara dos Deputados.** Intranet, Serviço de Áudio. Cód. 3812 em 13/9/04.

ARANTES, Valéria Amorim de. **Afetividade e Cognição: Rompendo a dicotomia na educação.** Artigo. Minas Gerais: Editora Summus, 2003.

ARANTES, Valéria Amorim. **A dimensão afetiva no processo escolar de produção da escrita.** Artigo. Minas Gerais: Editora Sumuus, 2001.

BALLONE, G. J. Website. <<http://gballone.sites.oul.com.br/dic/dica1.htm>>, acesso em 14/09/2004.

BALLY, Charles. **El Lenguaje y La Vida.** trad, de Amado Alonso. Buenos Aires: Editorial Losada, 1941.

§§§

BATISTA, Lúcio José Carlos. **Modelo Pedagógico de Planejamento e Relatório.** Núcleo de Educação a Distância da Câmara dos Deputados. Brasília: 2004.

BESSA, Geraldo Gabriel de. **Comunicação e Carência,** Minas Gerais: 2000 <<http://virtualbooks.terra.com.br/padregabriel/tese/Comunicacao06.htm>>, acesso em 23/12/04.

BYWEB, Website. <<http://www.byweb.pt/uteis/glossario.htm>>, acesso em 13/01/05.

DAMÁSIO, Antônio R. **O erro de Descartes**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2000.

Emoticons. <<http://www.byweb.pt/uteis/glossario.htm>>, acesso em em 13/01/05;
<<http://www.montrealnet.com.br/montrealnet/pagina.asp>>, acesso em 17/01/05; e
<http://www.tremdoido.com.br/tipos_emotions.htm>.

§§§

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1986.

FREIRE, Paulo e SHOR, Ira. **Medo e Ousadia: o Cotidiano do Professor**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1986.

GALVÃO, Jesus Belo. **Linguística e Filologia - Subconsciência e Afetividade na Língua Portuguesa** 3ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Ao Livro Técnico S/A, 1979.

LIMA, Maria Sônia Gouveia. **A Afetividade Eliminando Distância: A Afetividade como mola propulsora da interatividade e motivação nos processos educativos**. 2004. 53 f. Monografia (Conclusão do curso de Especialização em Educação a Distância) – Católica Virtual, Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2004.

§§§

MONTREAL, Website. <<http://www.montrealnet.com.br/montrealnet/pagina.asp>>, acesso em 17/01/05.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida *et al.* **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. São Paulo: 2000. Resenha elaborada por Vera Lúcia Camara Zacharias, 2005. <<http://www.centrorefeducacional.pro.br/resenhas.htm>>, acesso em 17/01/2004.

MORAN, José Manuel. **Artigos**. <www.eca.usp.br/prof.moran>, acesso em 07/07/2004.

MORAN, José Manuel. **Mudanças na Comunicação Pessoal**. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2000.

MORENO, M. *et al.* **Conhecimento e Mudanças: Os Modelos Organizadores na Construção do Conhecimento.** São Paulo: Ed. Moderna, 1999.

§§§

MORENO, M. *et al.* **Falemos de Sentimentos: A Afetividade como um tema transversal na escola.** São Paulo: Ed. Moderna, 1999.

§§§

NETO, Francisco José da Silveira Lobo. **A Teoria Transacional de Michael G. Moore.** Artigo. Associação Brasileira de Educação a Distância. Rio de Janeiro: 2002. <<http://www.abed.org.br/publique/cgi>>, acesso em 20/01/2005.

OLIVEIRA, Ivone M. **O sujeito que se emociona: signos e sentidos nas práticas culturais.** Tese de Doutorado. Faculdade de Educação da Universidade de Campinas. São Paulo, 2000.

OLIVEIRA, Marta Kohl. **O Problema da Afetividade em Vygotsky.** In: DE LA TAILLE, Piaget, Vygotsky e Wallon: Teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Ed. Summus, 1992.

Pátio Paulista. <www.patio.paulista.sp.gov.br>, acesso em 09/09/2004.

PELUSO, Angelo. **Informática e Afetividade: A evolução tecnológica condicionará nossos sentimentos?** Tradução Nelson Souza Canabarro. São Paulo: EDUSC - Ed. Universidade do Sagrado Coração, 1998.

FIorentini, Leda Maria Rangearo. **A Perspectiva Dialógica nos Textos Educativos Escritos.** Artigo. São Paulo: Ed. Rev. Campinas - Mercado de Letras, 2002. <www.abed.org.br/congresso2004/por/htm/028-TC-A3.htm>, acesso em 13/10/04.

ROMANINI, Vinícius e UMEDA, Marjorie. São Paulo: Reportagem **A Busca da Felicidade.** Baseada em estudos da Universidade de Michigan, EUA. Revista Terra, Ed. Peixes. Fevereiro, 2004.

§§§

SALTINE, JP. Cláudio. **Afetividade Inteligência: A Emoção na Educação**. Ed. DP&A - 4a ed. 2001. Artigo. <<http://www.centrorefeducacional.pro.br/toromais.htm>>.

§§§

SANTI, Lucimar Canonico. **A afetividade de uma professora na interação com seus alunos em um curso de inglês on-line**. 2004. 135 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004.

SHORT, *et al.*, 1976. **Da fala para o Texto. Presença Social**. Artigo. <<http://www.inf.ufsc.br/infoedu/ttc/Dafalaparaotexto.ppt>>, acesso em 20/01/2005.

TASSONI, Ellen Cristina Martins. Artigo. **A Dimensão Afetiva no Processo Escolar de Produção Escrita**. São Paulo: Ed. Campinas, 2003.

TORI, Romero. **A Distância que Aproxima**. Artigo. Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância - Teorias: Aspectos Teóricos e Filosóficos. São Paulo: 2002. Instituto Sumaré de Educação Superior.

§§§

TORI, Romero. **Métricas para uma Educação sem Distância**. Artigo. Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância. São Paulo: 2002. Escola Politécnica da Universidade de São Paulo / Instituto Sumaré de Educação Superior.

TORI, Romero. **O Virtual que marca Presença**. Artigo. Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância - Planejamento de Ensino. São Paulo, 2003.

§§§

UNIREDE. <<http://www.cfch.ufrj.br/UniRede>>, acesso em 0308/2004.

VISCOTT, David Steven. **A Linguagem dos Sentimentos**. 17^a ed. São Paulo: Editorial Summus, 1982.

WIKIPEDIA. **A Enciclopédia Livre**. Taxonomia dos Objetivos Educacionais - Domínio afetivo. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Taxonomia_dos_objetivos_educacionais>, acesso em 12/00/05.

APÊNDICE - Formulário de Coleta de Dados

Além da observação das mensagens na plataforma computacional de ensino, o outro instrumento utilizado na pesquisa foi o Formulário de Coleta de Dados abaixo:

P E S Q U I S A

Curso: Organização do Trabalho Pedagógico - OTP.

Clientela: Servidores da Câmara dos Deputados que atuam na área de treinamento como instrutores e/ou tutores.

Carga Horária: 60 h/a; sendo 30 presenciais e 30 a distância (leitura, atividades e acompanhamento no Ambiente de Aprendizagem Virtual - AVA).

Período: 2 meses.

FORMULÁRIO DE VALIDAÇÃO DE PESQUISA DE CAMPO

Considere dois aspectos a serem analisados:

- Recebemos uma herança de aprendizado presencial que tem recebido, cada vez mais, questionamentos quanto a sua eficácia, quando confrontada com a metodologia a distância. Sobretudo no que diz respeito às vantagens ou desvantagens de um e outro modelo, bem como do momento e das disciplinas para aplicação de tais modelos.
- A afetividade é um elemento fundamental na aprendizagem. Esse

questo essencial tem sido estudado nas relações onde se usa a linguagem articulada - oral - e a linguagem escrita.

Segundo o Dicionário Aurélio, afetividade é “um fenômeno psíquico onde se manifestam emoções e sentimentos”. E afeição é uma conexão, ligação ou relação que se forma com amizade, simpatia e amor.

Marque as alternativas seguindo a numeração de 1 a 5, de acordo com a legenda:

- 1 = implica numa satisfação péssima
- 2 = implica numa satisfação ruim
- 3 = implica numa satisfação razoável
- 4 = implica numa satisfação boa
- 5 = implica numa satisfação excelente

	1	2	3	4	5
Adequação e benefícios do modelo híbrido (presencial e a distância) em relação à qualidade das interações					
Interação nos momentos presenciais do curso					
Afetividade entre aluno/professor nos momentos presenciais do curso					
Interação nos momentos a distância do curso					
Afetividade entre aluno/professor nos momentos a distância do curso					
Possibilidade de interações afetivas entre aluno/aluno nos momentos presenciais do curso					
Possibilidade de interação afetivas entre aluno/aluno nos momentos a distância do curso					

Assimilação de conteúdo na parte presencial					
Aprofundamento do conteúdo na parte presencial					
Assimilação de conteúdo na parte a distância					
Aprofundamento do conteúdo na parte a distância					
Presença de afetividade na linguagem utilizada nas aulas presenciais					
Presença de afetividade na linguagem utilizada nas interações a distância					

Você faria um curso híbrido (partes presenciais e a distância) novamente?

Você faria um curso totalmente a distância novamente?

Liste, se puder, três vantagens de cursos híbridos:

Liste, se puder, três vantagens de cursos presenciais:

Liste, se puder, três vantagens de cursos a distância:

Neste curso você conseguiu se “aproximar” de outro colega (aluno) nos momentos a distância, trocando opiniões seja da disciplina ou não?

Neste curso você teve ambiente propício para se aproximar de outro colega (aluno) nos momentos presenciais?

Houve ambiente propício para uma convivência próxima – presencialmente - entre você o professor?

Você teve oportunidade de se comunicar virtualmente com o professor para tratar de algum assunto relacionado ou não com a disciplina?

Você ficou satisfeito com a **qualidade** das interações feitas a distância, se comparadas às feitas presencialmente?

Você ficou satisfeito com a **quantidade** de interações feitas a distância, se comparadas às feitas presencialmente?

Você concorda com a afirmativa feita no início deste formulário que a afetividade é fundamental para a aprendizagem? Justifique.

ANEXO I - Projeto Pedagógico do Curso de OTP

Consta desse documento alguns dados do **Projeto Pedagógico do CEFOR** do Curso de Organização do Trabalho Pedagógico - OTP.

OBJETIVO:

Deflagrar a reflexão continuada de servidores da Câmara dos Deputados cadastrados para atuarem como instrutores/tutores em treinamentos presenciais, semipresenciais e a distância sobre o modo de agir nas atividades pedagógicas do Centro de Formação, Treinamento e Aperfeiçoamento.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- conceituar paradigma e educação
- reconhecer aspectos do panorama educacional brasileiro
- reconhecer os componentes do processo de ensino/aprendizagem
- conhecer aspectos da história da EAD (ênfase no Brasil)
- conhecer os diversos paradigmas de educação a distância
- identificar as características, vantagens e desvantagens:
 - . do construtivismo
 - . da aprendizagem dialógica
 - . da aprendizagem colaborativa
- identificar formas de administração do tempo
- conhecer do processo de comunicação:
 - . síncrono e assíncrono
 - . linguagem informal/formal
 - . correção gramatical
 - . abertura, desenvolvimento e despedida
- distinguir técnicas, componentes, recursos e melhores adequações do:
 - . estudo dirigido
 - . TV, rádio, fita cassete, videocassete, DVD
 - . disquete, CD-ROM, website (apostila eletrônica)

- . aprendizagem colaborativa
- . e-learning
- reconhecer os pares dialéticos avaliação/objetivos e conteúdo/método, com a visão de avaliação como instrumento de aprendizagem para todos os atores, com descrição e prescrição
- praticar os conhecimentos adquiridos

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

1. Educação

- 1.1 conceito
- 1.2 panorama educacional brasileiro
- 1.3 processo ensino/aprendizagem
- 1.4 educação a distância
- 1.5 paradigmas, estereótipos e preconceitos
- 1.6 cultura organizacional, docente e discente
- 1.7 construtivismo, sociointeracionismo
- 1.8 disciplinaridade, interdisciplinaridade, multidisciplinaridade, transversalidade e Pedagogia da Complexidade Ambiental
- 1.9 aprendizagem dialógica
- 1.10 aprendizagem colaborativa

2. Construção do conhecimento

- 2.1 autopoiese e acoplamento estrutural
- 2.2 distância transacional (psicológica e comunicacional)

3. Administração do tempo

4. Comunicação e Linguagem

- 4.1 processo
- 4.2 signos e mediação
- 4.3 tipos: síncrono e assíncrono
- 4.4 formal X informal

4.5 correção gramatical

4.6 forma: abertura, *raport*, conteúdo e despedida

4.7 modo de usar (e-mail – netiqueta)

5. Componentes, técnicas e recursos de aprendizagem

5.1 aula expositiva

5.2 aula dialogada

5.3 trabalho em grupo

5.4 dramatização

5.5 retroprojeter

5.6 multimídia

5.7 álbum seriado

5.8 flip-chart

5.9 estudo dirigido

5.10 rádio

5.11 TV

5.12 fita cassete

5.13 videocassete

5.14 DVD

5.15 disquete

5.16 CD-ROM

5.17 e-learning

5.17.1 recursos telemáticos: internet/intranet/extranet

5.17.2 apostila eletrônica X ambiente colaborativo

6. Avaliação

6.1 abordagens qualitativa e quantitativa

6.2 tipos

6.3 normas X critérios

6.4 instrumentos

6.5 procedimentos

6.6 pares dialéticos: avaliação/objetivo e conteúdo/método

7. Prática

7.1 outlook

7.1.1 e-mail

7.1.2 criação de grupos de destinatários

7.1.3 mensagem (coletiva e PVT)

7.1.4 motivação

7.1.5 conteúdo

7.2 ambiente virtual de aprendizagem - AVA - WEBAULA

7.3 presencial

METODOLOGIA:

Adotar-se-á metodologia semipresencial, dialógica, com aprendizagem colaborativa presencial e por meio do AVA - Ambiente Virtual de Aprendizagem do CEFOR.

AVALIAÇÃO:

- DE CONTEÚDO:

Adotar-se-á a auto e a heteroavaliação, por meio da observação e reflexão.

- DA ATIVIDADE:

Processual, descritiva e prescritiva, com ajustes. No entanto, decorridos 2/3 do treinamento, será procedida uma avaliação pontual que compare os objetivos propostos, verifique o caminho já percorrido e ajuste o a percorrer.

Ao término do curso, os participantes avaliarão as atividades por meio de questionário.

ANEXO II - Mensagens do Fórum

Neste documento apresento alguns trechos de mensagens retiradas do fórum do Curso de Organização do Trabalho Pedagógico - OTP, visto que foram objeto da pesquisa em voga. Vale também lembrar que 95% das mensagens estavam acompanhadas de ícones (emoticons), uma vez que a ferramenta já disponibiliza esse recursos para todas as mensagens. E mesmo que houvesse opção de postar mensagens sem eles, a maioria fez a escolha por utilizá-los. As “expressões” mais usadas foram: “carinhas” sorrindo e piscando um dos olhos.

O fórum foi o canal mais acessado. Houve, porém, interações por e-mail e chats, que não foram observadas, mas que contribuíram para a construção de grupo da turma.

Os trechos das mensagens abaixo mostram um pouco do clima amigável em que o curso de processou, bem como do alto nível dos diálogos e discussões teóricas que ali foram postados. Obtive autorização para utilizá-las na íntegra, mas os nomes estão omitidos por uma questão ética.

Obs: todas as vezes que se fala em “sala de aula” sem especificá-la, pode-se entender sala presencial e/ou virtual, pois se deu o mesmo valor a qualquer uma delas.

1) Postado em 13 de Outubro de 2004 às 15:59.

Olá,

Estou gostando do Curso e acho interessante a correlação AVA + presencial. É uma oportunidade para interação também fora da sala. Fique tranquilo, Fulano, só fiquei triste em não ter podido estar presente na discussão sobre Avaliação. Espero poder obter/captar um pouco do que foi trabalhado em sala. Um abraço,

2) Postado em 12 de Outubro de 2004 às 12:28.

PessoALL,

você viram o número elevado de mensagens no FORUM?

Estive examinando as mensagens e pensando: Por que a gente tem trocado tantas mensagens

no FORUM, mas não estamos relacionando as mensagens como as propostas do AVA?

O AVA tem, para cada tópico, uma proposta de discussão no FORUM e ninguém está, diretamente, em processo de interação com as questões propostas.

De qualquer forma, seria muito bom que nós analisássemos o nosso comportamento no AVA e, mais especificamente, no FORUM. Afinal de contas, estaremos entrando no assunto RECURSOS.

Como você tem visto o Ambiente Virtual nesse processo de construção de conhecimentos relativos à educação? Como você tem visto o AVA na correlação com os temas discutidos no presencial?

Como tem sido para VOCÊ essa experiência? Tem sido válida? Não tem?

Partilhe com a gente sua avaliação sobre esse "casamento" AVA + presencial.

[]s,

ps.: BOM DIA DAS CRIANÇAS PARA TODOS!

3) Postado em 14 de Outubro de 2004 às 19:09.

Colegas, a relação AVA + presencial para mim tem sido uma grata surpresa, pois como não posso estar presente em todos os encontros eu consigo me inteirar do que foi discutido pelo nosso grupo e pelo grupo da tarde também. Isso é fantástico, mas realmente ainda não consegui apresentar minhas idéias no AVA com a mesma desenvoltura com que as apresento em sala. Mas eu chego lá... Um grande abraço a todos.

4) Postado em 27 de Outubro de 2004 às 15:25.

Fulano,

você levanta um ponto muito interessante quando você fala das suas dificuldades desde o tempo de menino. Nunca havia pensado sobre esse prisma, mas eu também sempre tive muitas dificuldades no ensino presencial desde, também, a mais tenra infância (risos).

Meus primeiro e segundo graus foram regados de "aulas matadas", para muitas vezes não fazer nada, mas só o fato de ter que estar presente me incomodava. O Curso Superior também contava muito pouco com a minha presença. Talvez essa seja uma grande vantagem minha para uma adaptação tão fácil ao esquema da EAD.

[]s,

5) Postado em 19 de Outubro de 2004 às 15:40.

Olá, !!!!!

Olha, estou muito feliz com as informações recebidas em sala de aula, e tenho tentado transformá-las em conhecimentos, é bastante prazeroso estar em um curso tão rico em informações e de pessoas com vontade de disseminá-las. Quanto ao casamento dessas duas modalidades de ensino, acho fantástico, embora, ainda não tenha tido o tempo necessário para participar, motivos: Estou muito atarefado, estou sem computador no trabalho, em casa quando chego da faculdade, às 11h, não tenho mais gás pra acender uma folha seca, e por essas dificuldades não tenho participado do fórum, entretanto sempre que posso dou uma lida nos debates, mas é bom ter a opção do AVA.

Um abraço.

6) Postado em 27 de Outubro de 2004 às 15:21.

Fulano e demais colegas,

em todas as dimensões é ainda muito difícil, mas a Câmara tem cumprido um papel importante nesse sentido, pois além do trabalho com os adolescentes, fazemos também um outro trabalho de inclusão digital para o pessoal terceirizado (de apoio e da limpeza) e temos tido muito bons resultados.

[]s,

7) Postado em 22 de Setembro de 2004 às 17:11.

Obrigado pelo desprendimento didático e pela oportunidade de vivenciar esta nova modalidade de ensino e educação.

Tenho certeza que evolirei enquanto pessoa e principalmente como educador.

8) Postado em 22 de Setembro de 2004 às 17:12.

Fulano, é importante que você fale um pouquinho sobre você, porque a turma da manhã também vai acessar esta mesma sala virtual, e assim eles poderão conhecer você,

[]s,

9) Postado em 22 de Setembro de 2004 às 17:12.

Oi, Fulano. Oi a todos do grupo.

Que legal !!!

Gostei da participação do Fulano. Finalmente, ele falou de si mesmo!

Ele parece ser bem jovem ainda para estar na Câmara há tanto tempo, vocês não acham? Mas isso é muito bom, porque significa que tem ainda muita energia para dar e muita sabedoria para nos passar...

Quanto a mim, acho que não preciso falar muito mais, não é? Quero saber de vocês...

10) Postado em 22 de Setembro de 2004 às 17:17.

Oi!!

Tb estou contente por integrar o grupo. Além da oportunidade de aprender um pouco mais, funciona como verdadeira "terapia"...

Será um prazer trocar idéias e figurinhas com vocês. Um grande abraço. Fulana,

Um abraço,

11) Postado em 22 de Setembro de 2004 às 17:25.

Caros colegas,

O Fórum é um espaço especial que permite o desenvolvimento de opiniões sobre assuntos comuns. Deu para entender claramente sua utilidade e a diferença de aplicação para o correio eletrônico (e-mail) ou chat (bate-papo ao vivo). Essa possibilidade de editar os textos é muito útil: permite voltar no tempo e reescrever a história. Gostei! A possibilidade de freqüentar o mesmo espaço em tempos diferentes é um dos maiores sonhos da humanidade que pode ser realizado no AVA.

um abraço

12) Postado em 22 de Setembro de 2004 às 17:21.

Fulano, esses encontros têm sido uma grata surpresa. Sempre apreciei a abertura de novos caminhos. Minha vida profissional se caracteriza por uma constante busca de conhecimento. Já fui geólogo, economista e atualmente trabalho com direito administrativo. As mudanças vieram naturalmente. As fases se somaram e foram muito proveitosas na minha visão do mundo. Já fui instrutor de SIAFI em quatro ocasiões e adorei a experiência. Tenho certeza de que esse curso será muito útil para minha reflexão sobre o significado do ensino/aprendizagem. Tenho 49 anos, sou funcionário da Câmara há 17 anos, casado, com duas filhas, de 11 e 8 anos (moram em Belo Horizonte). Sempre me envolvo muito com as

atividades que desenvolvo - tanto pessoais como profissionais. Gosto muito de cinema, literatura, música (tenho um sax - sou aprendiz). Um projeto? aprender a dançar razoavelmente.

13) Postado em 23 de Setembro de 2004 às 9:47.

... achei legal sua história de vida, combina com sua postura e atitudes...

14) Postado em 22 de Setembro de 2004 às 17:32.

Fulano,

Você disse que tem alguns filhos.

O número é fechado ou você tem dúvidas?"

Meu caro Ciclano,

Ser pai é um ato de fé (risos); entretanto... 03 meninos, 02 meninas, 03 mães diferentes...

15) Postado em 22 de Setembro de 2004 às 17:36.

Corrigindo: o Fulano foi muito maldoso com o "Ciclano"

Com o Beltrano? Bem, ele é o professor, tem certa autoridade... (risos)

16) Postado em 22 de Setembro de 2004 às 18:20.

Gente, com a leitura do texto (além do jardim de infância) lembrei-me de meu filho caçula, quando tinha 7 anos. Foi pedido a ele que desenhasse uma sala de aula. Em cada "carteira" ele colocou um computador, apesar de que até aquele momento, as escolas não possuíam os recursos tecnológicos atuais.

As crianças não têm a menor dificuldade em lidar com o mundo virtual.

17) Postado em 22 de Setembro de 2004 às 18:23.

É Fulana, normalmente quando se nasce junto com determinados "costumes" tendemos a assimilar tudo o que se está vivendo, não é??? Por isso as crianças têm tanta facilidade em mexer com computador, não têm qualquer resistência, pois é como que natural para elas...

18) Postado em 30 de Setembro de 2004 às 14:57.

Gente,

a educação se vai a todo momento por todos os meios. Ontem e hoje surgiram citações de filmes que estão, direta ou indiretamente, vinculados aos assuntos que estamos discutindo nas salas de aula: presencial e virtual. Então resolvi abrir esse espaço para a gente indicar filmes uns para os outros. Só que quando indicamos um filme, não basta apenas falar o nome do filme. Vamos fazer um exercício para tentar vender o filme, ou seja, tentar convencer o outro a ver o filme. E para isso, precisamos falar um pouquinho sobre o filme.

Vamos lá? Que filme você já assistiu e gostaria de indicar para os colegas de sala que tem a ver com os assuntos que discutimos?

19) Postado em 30 de Setembro de 2004 às 15:01.

Um filme que foi comentado hoje, pela manhã, é OS ANJOS DA GUERRA. É um filme que retrata a Polônia logo depois da invasão nazista, 1939. Conta a história de uma criança e aborda, também outras que se relacionam com ele durante a infância. Essa criança é separada da família por ser judeu e vai morar com uma outra família, na fazenda. Assistir a esse filme é uma lição de vida quando pensamos a educação como sendo o instrumento que podemos usar para “fazer do outro o que queremos que ele seja”, ou então para “aprender a respeitar o outro como ele é”.

É muito bom, mas é imprescindível assistir todo o filme, inclusive o finalzinho, com muita atenção.

20) Postado em 28 de Setembro de 2004 às 15:02.

Gostaria de compartilhar um texto de minha autoria, publicado no site www.psicopedagogia.com.br e que fala sobre “o fascinante poder da aprendizagem” no intuito de debater meu resumo da primeira aula do professor (...)

21) Postado em 20 de Outubro de 2004 às 15:31.

Fulana,

Você, ao relatar suas expectativas diferenciadas das da sua professora, evidencia algo que discutimos ontem em sala de aula: a necessidade de, seja em que curso for, discutir-se previamente com os alunos sobre concepção de educação e de construção de conhecimento. Se isso tivesse ocorrido com você, na situação que você relatou, tenho certeza que o conflito entre a “objetividade” da nota e a “subjetividade” do conceito seria amenizado. []s

22) Postado em 23 de Setembro de 2004 às 18:17.

Vocês leram o texto complementar AS COISAS SEMPRE FORAM ASSIM?

Apesar de não sermos macacos, será que fazemos coisas sem saber porque fazemos?

Você tem alguma história sobre isso para nos contar?

23) Postado em 28 de Setembro de 2004 às 11:42.

Sim, talvez não como macacos, mas como humanos inconscientes. **NÃO SE MEXA!** Repare mentalmente como você está posicionado. Repare suas mãos e pernas. Porque esta posição? O que será que vc diz na linguagem corporal? Se essas coisas simples nos fogem a consciência, imagine outras coisas como palavras e ações.

Certamente, educação deve prever o enlevo da consciência do sujeito.

24) Postado em 30 de Setembro de 2004 às 12:19.

Toda vez que me omito (falada ou escrita) estou de certa forma privando o outro do meu tesouro interior, e mesmo quando quero me resguardar estou também perdendo um pouco... Acredito na aprendizagem de erros e acertos. Quem sabe meu erro não cause alguma reflexão também?

25) Postado em 04 de Outubro de 2004 às 19:23.

Caros colegas,

Estive ausente na última aula e estou me sentindo um pouco perdida. Normalmente não gosto de falta mas foi necessário. Hoje não consegui ler os textos para a aula de amanhã, apesar de não saber se teremos textos amanhã. De qualquer maneira gostaria de colocar de maneira simplória a questão da educação, pois o próprio conceito da palavra é bastante amplo e o que da fato entendemos por ela. O que é educar? Está na família, na escola, no cotidiano, no trabalho? Entendo educação como um processo contínuo, aprendemos todos os dias, mas será que apreendemos? Será que é possível fazer essa divisão?

Estou com saudades e espero revê-los amanhã.

Ps. a Fulana e eu levaremos o lanche de amanhã.

Boa noite, para quem ler este ainda hoje.

26) Postado em 05 de Outubro de 2004 às 14:17.

Primeiramente, lamento não ter saboreado o lanche na turma da manhã. A compensação é que no encontro vespertino, acredito, haverá deliciosa merenda, também.

No que diz respeito à divisão (aprender – apreender), tenho a impressão de que só seria possível sua separação para facilitar a abordagem sobre os termos. Mas separar o momento em que o conhecimento passa do aprendizado para a apreensão...

Não seria a apreensão um processo mais complexo e lento que o ato (ou processo) de aprender: aprendemos algo e aos poucos vamos assimilando tanto o que aprendemos quanto seu significado na vida?

27) Postado em 01 de Outubro de 2004 às 15:16.

Oi pessoal !!!

gostaria de falar sobre a dificuldade que tive pra me expor no AVA. Será que foi uma sensação só minha? Será que alguém mais sentiu medo de que fosse avaliada ou, melhor, mau avaliado e até discriminado? Talvez nos processos de ensino-aprendizagem ajam indivíduos que não se insiram pelos mais diversos casos e qual o papel do instrutor (no nosso caso) até que medida estou gerando ou influenciando essa ação? Qdo o Fulano questiona sobre os clientes dos cursos na Casa, me coloquei a pensar até onde posso me meter como instrutora na indicação dessa clientela?

28) Postado em 05 de Outubro de 2004 às 13:22.

Colegas,

Partilho da concepção apresentada pelo Fulano, de que “meu crescimento acontece, em maior intensidade através das 'diferenças' do outro do que propriamente das 'semelhanças'.

29) Postado em 30 de Setembro de 2004 às 9:25.

É isso aí, pessoal. A grande vantagem de uma aprendizagem desse tipo é que não temos barreiras, como já disse em sala de aula. Estou aqui em São Paulo e, ao mesmo tempo, participando do fórum. É uma forma de “estarmos juntos”. Com relação à reflexão ou não, antes de deixarmos registrado o que pensamos, há uma certa elaboração sim. Concordo com o Fulano que devemos refletir antes de expressarmos em sala de aula ou em um ambiente como o AVA (se é que entendi certo). A preocupação de “olhar o outro” não deve se prender apenas

neste tipo de ambiente. Por que essa preocupação? Posso falar o que me vem a cabeça porque o vento carrega tudo? Mas, qdo escrevo tenho que me policiar? PessoALL, acho que a palavra - escrita e falada - deve ser cuidada.

30) Postado em 23 de Outubro de 2004 às 23:41.

Caros colegas,

Nosso curso de OTP semi-presencial apresenta algumas características especiais:

- a) Seqüência de aulas presenciais com tempo e espaço definidos;
- b) Cada tema exposto no FÓRUM permite participação atemporal através do AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM;
- c) Os temas podem ser tratados de forma simultânea, pois são interdependentes e complementares.

Assim, pude verificar que o tópico AMBIENTAÇÃO se encontrou com o tópico PARADIGMA EMERGENTE.

No Fórum sobre AMBIENTAÇÃO, o Fulano perguntou que cuidados se deve ter, como instrutor/tutor, para que os preconceitos decorrentes dos rótulos criados culturalmente não interfiram na qualidade social do trabalho proposto. Como criar mecanismos para que, mesmo respeitando as características diversas da clientela, se dê sempre o melhor que possa dar?

A resposta veio no Fórum sobre PARADIGMA EMERGENTE, no qual o Fulano trouxe o conceito, ainda sem nome definido, de Pedagogia Social, Pedagogia da Complexidade Ambiental, Pedagogia do Amor e etc. Esse modelo leva em consideração temáticas que discutam processos constitutivos da identidade e da subjetividade dos sujeitos, como conteúdos fundamentais para o desenvolvimento de uma pedagogia crítica.

Os princípios pedagógicos desse novo paradigma, apresentados pelo Fulano, são:

- Amar as pessoas, reconhecendo seu potencial de transformação;
- Despojar-se de preconceitos que nos colocam acima, numa atitude de ajuda e nos impedem de estar com o “menor”, numa partilha de vida;
- Abrir-se para novos valores, o que exige um repensar constante;

Respeitar, até as últimas conseqüências, o direito à vida em todas as suas dimensões.

Os colegas se manifestaram de modo convergente para esse novo paradigma pedagógico. Eu realmente acredito que a postura colaborativa da relação ensino/aprendizado, sob o modelo da

pedagogia da complexidade ambiental, é a melhor maneira de atuar no ambiente educacional da escola, do trabalho, da família e da sociedade em geral. As boas ações não precisam ser primazia de nenhum grupo específico, mas de todos que desejam um mundo melhor.

Um abraço a todos,

Anexo III - Tabela 02 - Taxonomia do Domínio Afetivo

Taxonomia do Domínio Afetivo

CATEGORIA/Subcategoria	EXPLICAÇÃO
ACOLHIMENTO (Atenção) <ul style="list-style-type: none"> - Percepção - Disposição para receber - Atenção controlada/seletiva 	Sensibilização por estímulos e fenômenos. Indica a que nível se presta atenção e se percebe a existência de tais fenômenos.
RESPOSTA <ul style="list-style-type: none"> - Aquiescência na resposta - Disposição para responder - Satisfação na resposta 	Ultrapassa o simples “atentar” para o fenômeno, existindo uma reação mais apurada, atenta e detalhada.
VALORIZAÇÃO <ul style="list-style-type: none"> - Aceitação de um valor - Preferência por um valor - Convicção (cometimento) 	Conceitos de valores (produto de avaliação individual) internalizados a partir do contexto social de cada um. É um conceito um tanto subjetivo.
ORGANIZAÇÃO <ul style="list-style-type: none"> - Conceituação de um valor - Organização de um sistema de valores 	Como se classifica e se organiza internamente os valores internalizados (incorporados).
COMPLEXO DE VALORES <ul style="list-style-type: none"> - Direção generalizada - Caracterização 	Também chamado de “Caracterização por um valor”. Diz respeito à ação consciente do indivíduo baseada nos valores internalizados. Normalmente são ações sem afeto ou emoção a não ser quando há situações adversas como ameaças e/ou perigos.

Anexo IV - Tabela 03 - Emoticons

Emoticons	
:~)	alegre, humor
:-(triste, insatisfeito
:-D	gargalhada
:~):~):~)	risos fora de controle
;-)	piscada de olho (em qualquer dos seus significados)
:-*	um beijo
:-O	surpreendido, em choque
:-!	cometer uma gafe
:-[vampiro
O:-)	anjo
@:-	turbante
X-(esgotamento
[:]	robot
:8)	porquinho
d:-)	boné
:-#	não digo mais nada, aparelho nos dentes
~)	riso demais
:'-)	tão feliz que chora
8)	de óculos escuros
:[bravo
:p	com a língua para fora
: k i l l :	eliminando, dando um tiro
~-(choro
%-(confusão
:~]	sarcasmo
[]s	abraços
abr	abraços
(rs)	risos

Fonte: Crystal (apud SANTI, 2004, p.26); e

<<http://sinopse.info/chat/carinhas.htm>>, acesso em 08/01/2005.

§§§